

**Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Artes**

Silvia Helena dos Santos Cardoso

Estrada, Paisagem e Capim

Fotografias e Relatos no Jalapão

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes
do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP
para obtenção do título de Doutor em Artes.

Orientadora: Prof^a. Dra. Luise Weiss.

Campinas
2011

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

C179e Cardoso, Silvia Helena dos Santos.
 Estrada, Paisagem e Capim - Fotografias e Relatos no
 Jalapão. / Silvia Helena dos Santos Cardoso. – Campinas, SP:
 [s.n.], 2011.

Orientador: Luise Weiss.
Tese(doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Artes.

1. Poesia visual. 2. Arte moderna - Séc. XXI. 3. Viagem
4. Fotografia - Técnicas digitais. 5. Paisagens. 6. Natureza.
I. Weiss, Luise. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Artes. III. Título.

(em/ia)

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: “Road, Landscape and Grass - Photographs and Reports in the Jalapão.”

Palavras-chave em inglês (Keywords):

Visual poetry

Art, Modern - 21st century

Travel

Photography - Digital techniques

Landscape

Nature

Área de Concentração: Artes Visuais.

Titulação: Doutor em Artes.

Banca examinadora:

Luise Weiss [Orientador]

Lygia Arcuri Eluf

Maria de Fátima Morethy Couto

Paula Cristina Somenzari Almozara

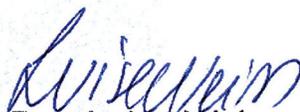
Dália Rosenthal

Data da Defesa: 27-06-2011

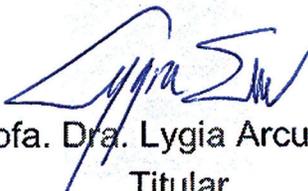
Programa de Pós-Graduação: Artes.

Instituto de Artes
Comissão de Pós-Graduação

Defesa de Tese de Doutorado em Artes, apresentada pela Doutoranda Silvia Helena dos Santos Cardoso - RA 925663 como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor, perante a Banca Examinadora:



Profa. Dra. Luise Weiss
Presidente



Profa. Dra. Lygia Arcuri Eluf
Titular



Profa. Dra. Maria de Fátima Morethy Couto
Titular



Profa. Dra. Paula Cristina Somenzari Almozara
Titular



Profa. Dra. Dália Rosenthal
Titular

Aos Meus Parentes Viajantes...

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa artística e acadêmica conta com o envolvimento direto e indireto de inúmeras pessoas e profissionais. Entre eles, destaco:

Prof^a. Dra. Luise Weiss,
orientação, indicações literárias e sensibilidade ao trabalho poético;

Ana Cláudia Matos da Silva,
amizade e companhia em inúmeras caminhadas pelo Jalapão;

Antônia Ribeiro da Silva e Noemi Ribeiro da Silva,
pelas informações valiosas na Comunidade da Mumbuca;

Maria Rosa Vieira de Souza,
pela força e otimismo, e por me ouvir em momentos difíceis
na cidade de Mateiros do Jalapão;

Maria Oneide Coelho de Sousa Messias,
amizade e apoio na cidade de Ponte Alta do Tocantins;

Cassiana Solange Moreira e Rejane Ferreira Nunes,
pelo apoio e informações no Parque Estadual do Jalapão/PEJ;

Delmar Camilo Soares,
pelas poesias e companhia na Viagem do Refinamento;

Rosângela Ponni,
amizade e companhia ao Vale do Jequitinhonha;

Marcelo Ushoa, Mirella Martinelli, Ivan Avelar e Carolina Vigna-Marú,
pelo apoio técnico;

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico,
pelo apoio financeiro parcial;

A todos, meus sinceros agradecimentos.



“Não há um único homem que não seja um descobridor. Ele começa descobrindo o amargo, o salgado, o côncavo, o liso, o áspero, as sete cores do arco-íris e as vinte e tantas letras do alfabeto; passa pelos rostos, mapas, animais e astros; conclui pela dúvida ou pela fé e pela certeza quase total da própria ignorância”
(BORGES, 2010, p. 19).

RESUMO

Estrada, Paisagem e Capim – Fotografias e Relatos no Jalapão é uma pesquisa em Poética Visual constituída por viagens – como deslocamento e experiência estética – ao cerrado jalapoeiro, no interior do Estado do Tocantins. A fotografia digital e as anotações se constituem como expressão e desenvolvimento do percurso processual do trabalho realizado. As referências teóricas e visuais contaram com a Antropologia como essência, metodologia e inserção no campo de pesquisa e a Arte como espaço de reflexão e criação para o caminho poético. Diferentes questionamentos surgiram ao longo do desenvolvimento do fazer artístico e acabaram por delimitar o trabalho. Nesta pesquisa, arte, natureza e cultura tornam-se pares no processo de registro e percepção da intuição criativa fotográfica, enfatizando assim, o caráter de “work in progress”. Um Livro de Fotografias e um DVD sonorizado com 170 imagens são apresentados como processo e resultado do trabalho poético.

PALAVRAS-CHAVE

Poética Visual; Arte Contemporânea; Viagem; Deslocamento; Experiência Estética; Fotografia Digital; Fotografia; Jalapão; Cerrado; Paisagem; Natureza.

ABSTRACT

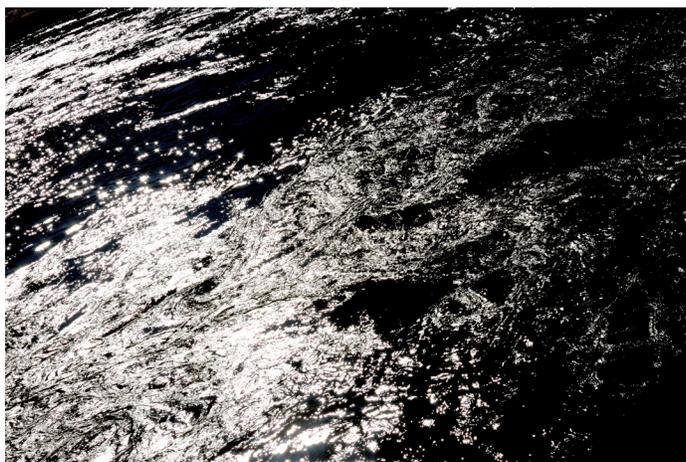
Road, Landscape and Grass - Photographs and Reports in the Jalapão is a research in Poetic Visual consisting of travels - such as displacement and aesthetic experience - to the Brazilian savannah, in the State of Tocantins/BR. The digital photography and the written summary notes are as expression and development of the proceedings of the visual work done. The theoretical and visual references counted with the Anthropology as well as essence, methodology and insertion in the field of research, and the Art to be a space for reflection and creation for the poetic way. Different questions have arisen in the course of the development of artistic making and ultimately define the work. In this research, art, nature and culture have become parts in the process of registration and perception of the creative intuition photographic, emphasizing the character of “work in progress”. A book of photographs and a DVD with sound and 170 images are presented as a process and outcome of the research poetic.

KEY WORDS

Poetic Visual; Contemporary Art; Travel; Displacement; Aesthetic Experience; Digital Photography; Photography; Jalapão; Savannah; Landscape; Nature.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. <u>Estrada, Paisagem e Capim – Fotografias e Relatos no Jalapão</u>	7
Livro Fotográfico	
3. Considerações Poéticas	134
4. Considerações Finais	164
5. Exposição Fotográfica	172
6. Bibliografia	182
7. DVD	193



2009

INTRODUÇÃO

*“É certo que a vida não explica a obra,
mas é certo também que elas se comunicam”*
(MERLEAU-PONTY, 2004, p. 136).

Estrada, Paisagem e Capim – Fotografias e Relatos no Jalapão é uma pesquisa em Poética Visual constituída por viagens – como deslocamento e experiência estética – ao cerrado jalapoeiro, no interior do Estado do Tocantins. A fotografia digital e as anotações se constituem como expressão e desenvolvimento do percurso processual do trabalho realizado. As referências teóricas e visuais contaram com a Antropologia como essência, metodologia e inserção no campo de pesquisa e a Arte como espaço de reflexão e criação para o caminho poético. Diferentes questionamentos surgiram ao longo do desenvolvimento do fazer artístico e acabaram por delimitar o trabalho.

A pesquisa contou com quatro diferentes viagens: a primeira, a **Viagem do Encantamento** que marca o contato com o cerrado brasileiro e, especificamente, com o Jalapão. A viagem é compreendida através do conceito ampliado de deslocamento que reconhece a experiência estética como uma real possibilidade em ver, perceber, sentir, pensar e fazer a partir de uma paisagem singular como substância e matéria da poética e que despertou uma sensação de profundo encantamento com o espaço; a segunda, a **Viagem do Desenvolvimento** é o descobrimento do lugar para além da paisagem: os moradores da Comunidade da Mumbuca e da Cidade de Mateiros do Jalapão como protagonistas das suas próprias histórias. Nesse momento, a estrada aparece como uma metáfora entre o conhecido e o desconhecido, entre o que está na consciência e o que está na memória e no espaço do esquecimento, como um elo entre universos culturais distintos e também como um percurso construído a partir das necessidades e desejos humanos; a terceira, a **Viagem do Aprofundamento** é o reconhecimento das idiossincrasias dos homens através da convivência entre as noções de vida e morte: a imensidão e a destruição do cerrado, e, conseqüentemente, da natureza; e a quarta, a **Viagem do Refinamento** é a lapidação da criação poética, a pontuação de algumas questões visuais anteriormente suspensas, mas que neste deslocamento emergiram para tomar forma e consistência; não só visuais, como também o reconhecimento do eu (autorreferencial) como norte do trabalho processual.

As quatro viagens estruturam a pesquisa poética deste trabalho – o fazer artístico, propriamente, e parecem legitimar o ato de viajar – a viagem enquanto processo – como uma forma de conhecimento.

Estrada, Paisagem e Capim é constituído por um **Livro de Fotografias** que traz imagens fotográficas paralelamente aos relatos construídos a partir das informações coletadas em campo de pesquisa. As fotografias apresentam duas versões estéticas: uma documental com registros figurativos e outra de expressão com ênfase no abstrato. A fotografia digital apareceu como uma alternativa não só econômica, mas principalmente como uma forma de expressão e de visualização rápida do material imagético, o que permite a análise imediata, além de frisar o compromisso com a preservação da natureza. As fotografias são acompanhadas por uma legenda que identificam o título ou a série construída, por informações quando necessárias e por nomes dos retratados.

Das anotações nasceram pequenos textos – os relatos escritos propriamente - que procuram dar conta do universo do homem jalapoeiro e das reflexões na construção do processo poético. As informações – fragmentos históricos - foram coletadas a partir das conversas informais com os moradores da Mumbuca e também de Mateiros, e com os biólogos do Parque Estadual do Jalapão. As lendas contadas e as poesias dos alunos das escolas públicas, também foram importantes contribuições. Todos representam certo mapeamento cultural da comunidade e da cidade. Paralelamente, surgem as percepções, as sensações e os sentimentos revelados com os deslocamentos, a experiência estética vivenciada no cerrado, e os questionamentos acerca do trabalho poético com uma essência antropológica, especificamente, a etnografia como exercício do fazer pesquisa; Bernhard Fuchs e Joseph Beuys, artistas alemães, são duas referências poéticas que acompanham os relatos, uma vez que a estrada como registro cultural e a natureza como metáfora de transformação social são problematizados, respectivamente; alguns viajantes que passaram pelo Jalapão também são mencionados. Os textos são acompanhados de alguns mapas ilustrativos de localização do campo de pesquisa – o Jalapão, o Estado do Tocantins e também do Brasil. Foram incluídas algumas páginas de cadernos de desenhos com esboços e anotações que revelam um pouco do processo de criação e da pesquisa.

As fotografias e os relatos escritos constroem uma narrativa que nasceu a partir de um aparente caos entre os materiais coletados e desenvolvidos ao longo do trabalho. Cerca de

5000 imagens e vários cadernos de anotações formam os materiais criados. Foram editadas 72 fotografias dispostas em 63 pranchas. É importante frisar que todas as fotografias que abrem os capítulos pertencem a este grande acervo de imagens do Jalapão. Além das referências teóricas e visuais consultadas e estudadas.

Além do Livro de Fotografias, o trabalho traz um segundo texto - **Considerações Poéticas** –, uma reflexão sobre o fazer artístico. O objetivo deste segundo capítulo é compreender as viagens, as referências visuais e teóricas que orientaram o percurso da pesquisa: o contato inicial com o Jalapão e o desdobramento em uma pesquisa poética (2006); a viagem ao Jequitinhonha/MG (2007) como alternativa ao cerrado jalapoeiro; a viagem ao Paraná (1987) como origem da estrada como experiência estética; Jean-Marc Besse, Claude Lévi-Strauss, João Guimarães Rosa, Gilles Deleuze, entre outros teóricos e escritores como norte das reflexões; Mark Rothko, Mira Schendel, Cy Twombly como referências visuais; os deslocamentos ao Jalapão (2009/2010/2011) como forma de descobrimento e aprofundamento na imensidão humana e na natureza e as próprias descobertas proporcionadas através do trabalho processual, sem mencionar todas as pessoas – os informantes locais – que aparecem desde os cadernos de anotações. Acrescenta-se também, a fotografia enquanto território e expressão imagética do fazer poético.

Considerações Finais apresenta-se como último capítulo, uma espécie de finalização, para entender o processo de desdobramento da pesquisa a partir de um encantamento – a sensação do belo – e o aprofundamento revelando a angústia a partir das viagens como procedimento de conhecimento do Jalapão para além da superfície e o reconhecimento da dimensão ambiental do trabalho também desvelado no desenvolvimento poético. A natureza aparece como matéria da reflexão e da construção processual. A dimensão artística da pesquisa trouxe o fotógrafo Robert Frank como referência visual e histórica da estrada como experiência estética. Nesta pesquisa, arte, natureza e cultura tornam-se pares no processo de registro e percepção da intuição criativa fotográfica, enfatizando assim, o caráter de “*work in progress*” do trabalho.

A Exposição Fotográfica “**Estrada, Paisagem e Capim – Fotografias e Relatos no Jalapão**” realizada na Galeria de Arte Unicamp do Instituto de Artes entre o período de 21 de junho a 01 de julho de 2011 faz parte do Trabalho e da Defesa de Tese. Por esse motivo, acreditamos que as imagens selecionadas para a mostra, o texto de abertura, algumas palavras norteadoras, bem como os registros fotográficos da exposição no espaço expositivo impressos aqui posteriormente possam formalizar o acontecimento como parte integrante da pesquisa.

A **Bibliografia** apresenta-se assim dividida: referencial teórico (teoria, literatura, teses e dissertações acadêmicas); referencial visual (portfólios artísticos) e referencial fílmico (filmes de ficção e documentários).

Um **DVD** sonorizado e com 170 fotografias selecionadas a partir do material bruto acompanha o trabalho. A edição das imagens foi marcada pela dificuldade na realização do processo de corte das fotografias, uma vez que cada situação, inúmeras nas quatro viagens, constituída por um conjunto de fotos simboliza uma percepção, um fragmento de um instante criativo. Tudo parece muito importante e indispensável, mesmo diante da proximidade formal de algumas fotografias. Contudo, a seleção foi realizada considerando os elementos compositivos, especialmente, a cor, além dos conteúdos trabalhados. Este DVD enquanto mídia com imagens e sons tem apenas a intenção de exibir outras fotografias que foram realizadas no Jalapão. Alguns sons foram gravados durante as viagens enquanto outros foram pesquisados posteriormente, assim, a trilha sonora elaborada pretende, além de acompanhar as imagens, trazer um pouco das sensações vivenciadas no Jalapão.

Na esperança de que o trabalho, de alguma forma, contribua com a reflexão acerca do fazer poético, da natureza na Arte Contemporânea e, especialmente, das singularidades do Jalapão, não só como bioma cerrado, mas como um possível espaço de equilíbrio entre o homem e a terra, além da tentativa de colaborar com o reconhecimento do pensamento sensível como essencial ao desenvolvimento dos saberes nas diferentes áreas do conhecimento.



Estrada, Paisagem e Capim

Fotografias e Relatos no Jalapão

Janeiro de 2011. Quarta Viagem. Terceiro dia de Estrada. Segunda noite em hotel. Mais de 1.500 km percorridos desde São Paulo, metrópole. Estávamos a caminho de Palmas, capital do Tocantins. O destino sempre foi Mateiros do Jalapão, coração do Cerrado Jalapoeiro. E desta vez, depois das três outras viagens de avião, resolvi pegar a estrada de carro e me colocar frente à distância entre a minha cidade e o Jalapão.

Apesar de todo o planejamento realizado dois meses antes dos contatos com o Parque Estadual do Jalapão, especialmente Cassiana Solange Moreira, bióloga, e Delmar Camilo Soares, poeta e escritor, moradores de Mateiros, estava muito receosa com a viagem. Receio (silêncio) é pouco, era medo mesmo. Um medo tão grande e pesado que quase desisti. Não tinha o carro ideal, apesar da revisão completa, pneus novos e uma complementação de seguro para eventual necessidade de guincho. Estaria há quase 2.500 km longe de casa. E, ainda, sabia que não sou uma motorista de longos percursos. Por maior que seja o fascínio por “estar na estrada”, esta mesma estrada me provoca uma intensa inquietação e estranhamento. A ideia de que o Brasil não é para principiantes sempre esteve comigo. Por mais que o país exerça uma forte atração – é um território com muitas belezas naturais -, não é um lugar fácil, ao contrário, é repleto de surpresas.

Naquela última semana de dezembro de 2010 senti muita dúvida com relação a tudo, e, principalmente, com relação a mim mesma: eu já tinha as fotografias para a finalização do trabalho, então por que a viagem? O que queria provar?

Da Série Estrada (I)

Rodovia Coluna Prestes - TO - 050 – A rodovia estadual entre as cidades de Campos Belos/GO e Palmas/TO. Janeiro de 2011.



Prancha 2

O Cerrado Brasileiro é sempre tratado como uma “imensidão”. É uma imensidão no sentido exato da definição: uma extensão infinita. É um “oceano” de terras onde não observamos o fim. Mas afinal, o fim existe? Se existe, onde está? Se não existe, porque temos a necessidade deste fim? O fim é necessário? Ou um fim?

Passei por esta rodovia nas três primeiras viagens, contudo só nesta quarta vez pude parar, contemplar e fotografar um fragmento desta imensidão. Olhar profundamente o cerrado é como olhar profundamente para o interior de alguma coisa. Neste caso, o cerrado, mas será apenas o cerrado?

Uma viagem é antes de tudo um deslocamento. Um ir e um voltar: é sair de um ponto e chegar a outro. Uma viagem, portanto, é uma experiência, um tempo que nos damos para, no mínimo, ver algo que não conhecemos. O desconhecido me fascina. O cerrado me fascina.



Brasil e Tocantins: localização territorial.

Da Série Cerrado (I)

Trecho da Rodovia TO-255 que liga Porto Nacional, a cidade mais antiga do Tocantins, e Ponte Alta do Tocantins, portal sul do Jalapão.
Janeiro de 2011.

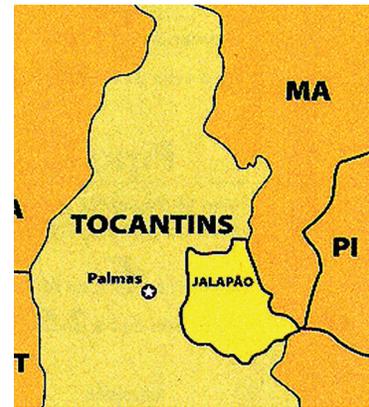


Prancha 3

A vegetação do Cerrado é muito diversificada. Ora encontramos uma extensão de terras com poucas árvores onde a vegetação baixa predomina, uma espécie de capim pequenino, como uma cobertura, um tapete de proteção para a terra frágil, ora encontramos um adensamento forte de árvores no infinito, ou ainda arbustos retorcidos, troncos rebuscados e únicos. Não há um só caule igual a outro. Todos são diferentes. São inúmeros desenhos e espécies de árvores.

É um campo primário? Ou um secundário? Verde? Como assim? Existe verde no Cerrado? Não é só escuro e seco?

Existem praticamente duas estações no Cerrado Jalapoeiro: inverno e verão. No Verão não há chuva: a vegetação seca. No inverno, o contrário, chove muito, assim a vegetação enverdece.



Tocantins e Jalapão: localização territorial.



Dezembro de 2009. Segunda Viagem. Desta vez, fui sozinha. Organizei o percurso a partir de poucas informações: reais e virtuais. Tentei seguir os passos da primeira viagem: aquela do encantamento, que me fez decidir pelo Jalapão, pelo Cerrado. A viagem onde senti a sensação do sublime. Mas o sublime ainda existe? Ou é apenas uma ficção no mundo contemporâneo? Ou um respiro kantiano? Ou uma sensação influenciada pelos pintores românticos?

Desde São Paulo tentei definir o que exatamente necessitava. A ideia da primeira viagem permanecia: o Jalapão como um lugar extremamente distante, inalcançável ao homem comum, ausente de infraestrutura, sem transporte, enfim, sem quase nada. Procurei a agência turística que me levou da primeira vez em julho de 2006. Eles não podiam (ou não quiseram) fornecer uma carona paga para Mateiros do Jalapão, onde sabia da existência de uma pousada, pois a proposta era realizar um trabalho poético/fotográfico com certa essência antropológica na região jalapoeira, desde Ponte Alta até Mateiros e de lá até a Comunidade da Mumbuca. Da agência apenas consegui o contato de um motorista, que em tese, poderia me levar ao interior do cerrado. O contato foi realizado com alguns meses de antecedência. Partiria logo após o Natal, para uma estadia de quase um mês. Assim, confiei plenamente naquele motorista que disse sobre outro que poderia me levar e me trazer de Ponte Alta para Mateiros e de Mateiros para Ponte Alta.

De Palmas para Ponte Alta tudo correu conforme o previsto: pernoitei duas noites no hotel, encontrei o motorista do contato que me forneceu o celular da Van do Francisco e confirmei a existência da Pousada do Coelho, onde poderia me hospedar antes de ir para Mateiros.

Um dia antes da viagem a Mateiros, conversei com o motorista, a segunda indicação que finalmente conheci e tratamos do valor da viagem, das dificuldades do percurso, do tempo aproximado de duração considerando as paradas para as fotografias. Ele deu todas as garantias de que seria uma viagem muito tranquila.

Às sete horas da manhã daquela quinta-feira (30 de dezembro de 2009), o motorista não apareceu, mas mandou outro motorista: “não pode ir porque precisou viajar para outra cidade”, pediu para avisar. Diante do novo fato, fiquei sem saber o que fazer. Se não fosse, atrasaria o cronograma do trabalho. E se fosse? O que poderia acontecer? Com muitos pesares e dúvidas, e muita raiva resolvi ir: não estava a passeio.

Assim, pegamos a TO-255 para Mateiros: 173 km de estrada de chão, terra, buraco, barro, valas, pedras, bancos de areias e o que mais encontrássemos...

Da Série Estrada (II)

TO- 255 – A rodovia estadual liga as cidades de Ponte Alta do Tocantins a Mateiros do Jalapão.
Dezembro de 2009



Viajar pelo Jalapão não é fácil. Quase nenhuma viagem para lá é tranquila. Aliás, a tranquilidade no Cerrado Jalapoeiro não existe. O trecho de estrada entre Ponte Alta do Tocantins e Mateiros é extremamente acidentado. É uma estrada com muitos buracos e muitos “segredos”, quando você pensa que pode acelerar e ganhar tempo, logo avista uma depressão natural que pode engolir uma ou mais rodas do carro. E nesta circunstância não há muito o que fazer, além de esperar. Não é uma estrada para estar sozinho, pois você nunca sabe o que pode acontecer. O imprevisto é o previsto. Mas por outro lado, existem algumas recompensas: a paisagem, por exemplo.

A paisagem é de uma beleza singular. Está longe, distante, no infinito. Não há uma distância precisa para alcançá-la. É constituída por uma cadeia de montanhas, jardins naturais com diversos tipos de capins e, especialmente, por veredas e buritis, próprios do cerrado. A linha que define o contorno das montanhas não é uniforme, reta e harmoniosa. Ao contrário, é uma linha acidentada, com elevações e quedas bruscas. As montanhas ao longe parecem algo irreal, uma miragem. A luz colabora com a sensação de inexistência destas serras. Elas nunca aparecem com nitidez precisa. Estão sempre envolvidas por uma atmosfera opaca.

A paisagem acompanha todo o percurso da TO-255. É um alento ao viajante. É uma companhia ao aventureiro. À medida que o passageiro adentra o cerrado, isto é, se distancia da cidade e ganha o interior da imensidão, a sensação de solidão e de fragilidade humana se colocam, e a natureza aparece soberana. O homem sente sua pequenez diante da força da presença dela.

Da Série Paisagem (I)

Fragmento de Paisagem na Rodovia TO-255. A cadeia de montanha faz parte da Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins de responsabilidade do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/ICMBio.
Janeiro de 2011



Prancha 6

O cerrado é muito colorido: a terra vermelha, a vegetação verde, o céu azul.

A cor vermelha com diferentes intensidades está por quase toda a extensão da estrada. Existem trechos de areia branca e fina. São os bancos de areia que impedem a movimentação veloz dos automóveis. Às vezes a estrada está menos vermelha e mais escura, mas apresenta uma sensação quente.

A vegetação é verde especialmente quando chove no inverno. No verão é seca. A sensação também é de alta temperatura.

O céu azul é um equilíbrio ao calor. Sempre está carregado por nuvens, ora brancas, ora cinzas.

A luz, isto é, a luminosidade é extremamente variável, mas não diminui o calor. A temperatura média está por volta de trinta graus centígrados durante o dia, às vezes, atinge quarenta, facilmente, o que impede a caminhada do viajante. A TO-255 não é uma estrada para os pés do homem. O cerrado tem uma sensação pesada, o calor é intenso, o que faz o homem se cansar rapidamente.

Quando a TO-255 não existia oficialmente, quando era mais um caminho, uma picada aberta por facões, uma quebrada, os homens levavam mais de três dias para chegar à cidade mais próxima.

Caminhando ou a cavalo, os homens contavam com dias inteiros, às vezes, preferiam à noite e durante o dia tentavam repousar à sombra de uma vereda. Desde sempre sabiam sobre a existência de água no adensamento de árvores onde aproveitavam para se banhar e também encher as garrafas.

Contudo, hoje, entrar sem água no Jalapão é pedir para passar sede, é desejar morrer, nem sempre as veredas próximas à estrada tem água. Existem alguns pontos com água, mas o estrangeiro não sabe exatamente onde estão.

Alguns motoristas preferem pegar a estrada no final do dia ou à noite para driblar o calor, mas não é recomendado, nem mesmo aos mais experientes.



Por volta dos anos 80 do século passado, chegou a Mateiros do Jalapão o primeiro automóvel.

As pessoas que nunca tinham saído da pequena vila, das comunidades, dos sítios e das fazendas, acreditaram que as marcas dos pneus fossem rastros de cobras.

Esta é uma história narrada pelos mais velhos para os mais jovens. Hoje todos riem muito da própria ingenuidade, mas naquele momento duas cobras tão grossas e compridas juntas metiam, no mínimo, muito medo.

O mesmo aconteceu quando um avião sobrevoou a cidade, antes desta data, pela primeira vez. As mulheres acharam que era o fim do mundo e, então, começaram a confessar os pecados e revelar as traições. Grande engano, mas naquele momento fazia muito sentido.

Atualmente um carro é um bem material muito desejado em Mateiros, pois significa alguma independência para sair e chegar ao Jalapão. Não só para o cidadão mateirense ter um carro é quase “obrigatório”, diante da ausência de transporte público, para o viajante também. O deslocamento é muito complicado: ir para Ponte Alta do Tocantins é quase uma odisséia. A alternativa viável é pegar o Micro-ônibus do Sr. Armando, mas o trajeto é por São Felix do Tocantins e Novo Acordo, sentido contrário. Segundo os moradores, a estrada é pior e o veículo sempre quebra. É uma viagem mais longa, com mais quilômetros, com no mínimo um dia de duração.



Universo Silvestre,

“... *onça preta, suçupara, anta, veado, tatu, ema, sariema, tatu preto, peba, capivara, tatuí (tatu pequeno), tatu canastra, peba canastra, cotia, paca, caititu, porco do mato, jaó (pássaro galinha), perdiz, quati (gato selvagem), guaxinim, tamanduá bandeira, mixila, tamanduá pequeno, lobo guará, raposa, gambá, macaco guariba, macaco pequeno, mucura (raposa grande), lagarto, camaleão, jararaca, sucuri, onça pintada ... , são os bichos do Jalapão*”, segundo Ismael Ribeiro da Silva, 16 anos, filho de Antonia Ribeiro da Silva, 42 anos, da Comunidade da Mumbuca.



Este trabalho poético visual tem uma essência etnográfica, mas não é um trabalho clássico em Antropologia, contudo o deslocamento – sair de uma cidade cosmopolita e ir para uma comunidade distante – lembra, mesmo que de longe, os naturalistas, os viajantes e os aventureiros dos séculos passados. Apesar dos diferentes objetivos daqueles homens, entrar em contato com uma cultura diferente fazia parte de suas experiências estéticas. O desejo de conhecer o que era desconhecido, nem sempre de forma positiva, desde a vegetação, o território, a fauna, as pessoas (consideradas em um primeiro momento não humanas), revelariam a distância cultural entre uma cultura européia (branca, cristã e civilizada) e outra sul-americana (índia, atea e selvagem).

O contato mais estreito entre essas culturas revelou, ao longo dos séculos, outras formas de viver e também de significar o próprio homem, e, especialmente, de organizar o próprio universo cultural. Quando o antropólogo chega a uma comunidade distante tudo está por fazer, pois o interesse em conhecer e interpretar só cabe a ele mesmo. É essencialmente seu interesse e não do outro. O outro tem a sua cultura como ferramenta de movimentação pelo seu próprio universo e está bastante confortável nesta condição. O que não significa imobilidade cultural. Toda cultura é primordialmente dinâmica e o contato com formas de viver diferenciadas são influências para possíveis transformações. Neste percurso, o estudioso da vida social começa a colecionar informações, a princípio oriundas de entrevistas, conversas informais, documentos antigos, literaturas diversas, mapas, entre outros, e só algum tempo depois passa a organizar e encontrar sentido em tudo o que coletou.

Estrada, Paisagem e Capim traz um pouco desse ritmo, uma vez que as informações sobre o Jalapão não estão organizadas e acessíveis ao artista/pesquisador, ao contrário, estão dispersas, descentralizadas, não publicadas, ainda se encontram entre as pessoas das comunidades no interior desse cerrado. Lembrar da metodologia da História Oral – a coleta das histórias a partir de seus moradores – oferece um pouco do que é possível fazer em Mateiros.

Esse fragmento do capim (capim de varjão, capim alto na vereda) – um recorte na paisagem – é um exemplo dos inúmeros “pedacinhos” de informações visuais e/ou verbais que articuladas podem revelar um pouco do universo jalapoeiro.

Nesse trabalho, o fazer poético se aproxima do método antropológico de pesquisa: Artes e Antropologia se complementam.



O Morro do Saca Trapo está no Parque Estadual do Jalapão e pode ser visto de longe, muito longe. Ele desponta ao viajante e anuncia o percurso para o interior do cerrado. Estar próximo ao morro é como sentir-se próximo da cidade. De fato, aproximadamente 30 km o separam de Mateiros. Embora o trecho de barro mais pesado está entre a Comunidade do Rio Novo e o Saca Trapo.

Próximo ao Rio Novo está uma pequena comunidade com um número reduzido de casas ao longo da rodovia, onde há uma escola rural e um bar para a diversão dos homens.

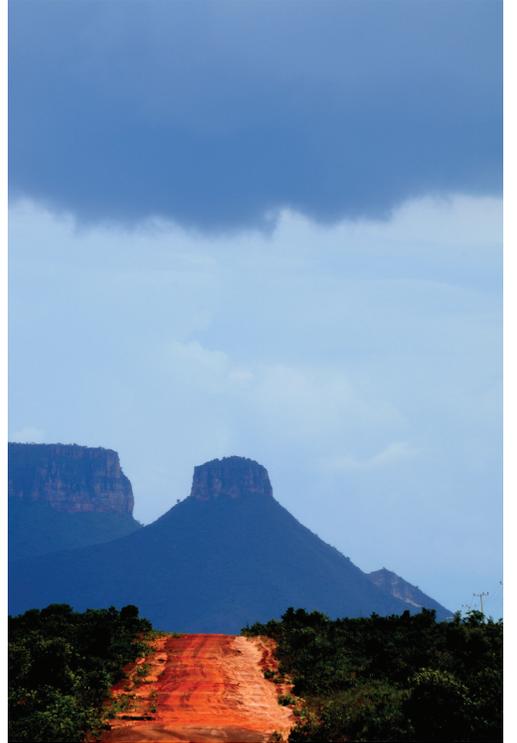
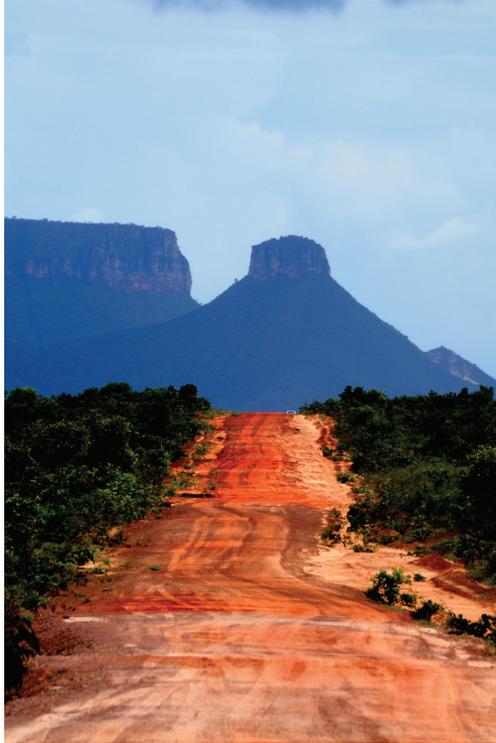
As pessoas contam que o morro ganhou esse nome porque alguns caçadores deixaram uma sacola com roupas velhas próximo ao local. Daí não demorou muito para denominá-lo como Saca Trapo.

A TO-255 está imaginariamente dividida em três trajetos: até a entrada da Cachoeira da Velha (aproximadamente 70 km desde Ponte Alta); a Comunidade do Rio Novo; e o Saca Trapo. Chegar à bifurcação para a Cachoeira da Velha significa ter vencido a primeira parte da viagem, pois até lá a estrada não é muito ruim e também existem pequenas propriedades e algumas fazendas, o que significa que há presença humana. Entre o caminho da Velha para o Rio Novo está o percurso mais acidentado e com um banco de areia pesado. Na quarta viagem, uma pedra entrou no disco de freio de uma das rodas e quase causou um dano irreparável no carro. Qualquer quebra em um automóvel no Jalapão significa “chamar um guincho” para tirar o carro do cerrado e levá-lo para Porto Nacional, pois não há peça de reposição e muito menos mão-de-obra para o serviço.

Por isso chegar ao Saca Trapo representa sucesso na viagem. Do Morro pra frente, além da Sede do Parque Estadual do Jalapão/PEJ, existem algumas propriedades, o que significa não estar sozinho.

A TO-255 é uma quase “entidade”, como enfatizou Cassiana Solange Moreira, bióloga do PEJ.

Enquanto entidade parece ter vida própria e acaba por demandar o que quer e com quem quer. Existe aqui um “gosto de provação”, aquela sensação de dever e passar por algo marcante em um lugar e na vida.



O Cerrado tem um solo muito frágil. A fragilidade é um contraste com a atmosfera forte do Jalapão. Tudo parece estar há muito tempo no mesmo lugar, como se a imobilidade fosse uma característica daquele espaço. Mas a natureza e a natureza no cerrado são muito dinâmicas. Ao contrário do caráter estático, o movimento é percebido e observado pelo homem. De longe, a Serra do Espírito Santo é soberana e majestosa, de perto podemos ter a mesma sensação, mas o desgaste provocado tanto pelo vento e pela chuva aparece em suas encostas, em suas quedas, como um desenho natural que se configura a partir das propriedades minerais que constituem a serra. São inúmeras manchas coloridas que marcam a montanha em seus diferentes lados. A vegetação, que atua como uma rede de proteção, parece não mais ter força suficiente para impedir o desmoronamento do solo. As terras coloridas e pedras rolam dos morros, e deixam as suas marcas.



Prancha 12

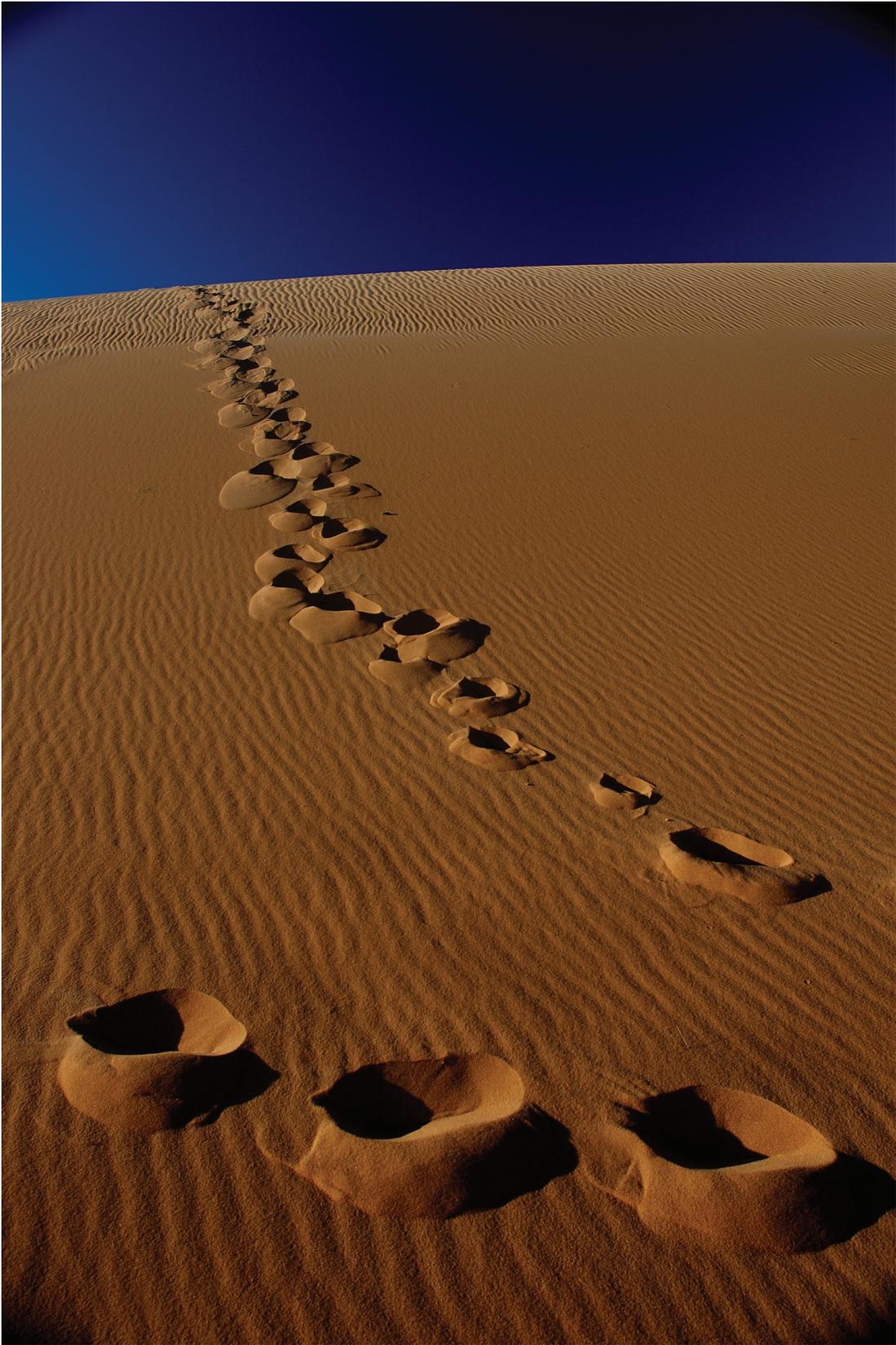
As Dunas são bonitas

Nelas podemos rolar

Sou pequenina

Lá sinto vontade de voar

Por Patrícia Vieira da Conceição,
aluna de escola pública e de poesia de Delmar Camilo Soares.



As Dunas do Jalapão estão a 35 km de distância da cidade de Mateiros. É um dos lugares mais procurados pelos turistas. É verdadeiramente um cartão postal. É um desses pedaços naturais que fascinam facilmente. Não é preciso descrever sobre sua beleza, pois ela se encontra praticamente em todos os ângulos para onde olhamos. “A beleza existe e está lá”. Contudo, esta beleza aparente esconde um acidente natural: a ação do vento somado ao processo de erosão da Serra do Espírito Santo e a chuva são responsáveis pela formação das dunas. Este processo é denominado “formação eólica”: a “decomposição” da montanha que circunda toda a extensão das dunas. A areia branca e fina, ora avermelhada, ora alaranjada, tem o óxido de ferro como principal componente. Daí os tons vermelho e amarelo, além da luz natural que ressalta essas cores, especialmente no final da tarde.

Então, a informação nos faz pensar sobre a beleza como um estado fugaz, algo que existe momentaneamente, mas logo desaparecerá. A beleza é assim, algo não permanente, como a vida também. Os trinta metros de altura das paredes das dunas escondem do viajante um estado de destruição iniciado há algumas décadas. Por quê? A natureza não é estática! Está em constante transformação.



O Morro da Bigorna é um morro testemunho. No Jalapão existem muitos testemunhos que é uma denominação genérica da área das Ciências Naturais para designar o solo que atingiu certa altitude e sofreu vários desgastes com o passar dos séculos.

O Morro da Bigorna parece uma ilusão ótica. Ele está lá no meio do cerrado cercado por nuvens no verão e no inverno. Por isso, ao observá-lo, tem-se a impressão de que nunca está perfeitamente nítido. A nitidez parece não ser a sua característica. O que dá uma sensação de inexistência. Mas ele está lá. E pode ser avistado de muito longe.

Algumas pessoas dizem que é possível chegar ao pé do Morro. A Comunidade Mata Verde localiza-se perto da Bigorna. Não pude comprovar a informação. Ele não pertence ao Parque Estadual do Jalapão e sim à Estação Ecológica da Serra Geral do Tocantins, de responsabilidade do ICMBio/Governo Federal. Escrito desta forma parece pertencer a outro território. Está no Jalapão, mas o Jalapão tem as suas divisões: uma estadual e outra federal.



Julho de 2006. A primeira viagem. A viagem do encantamento. A partir do mirante da Serra do Espírito Santo podemos visualizar um imenso jardim natural. Não sabemos exatamente quantas vezes esta paisagem sofreu com a ação do homem. Provavelmente muitas, mas não o suficiente para devastá-la. Afinal, o Jalapão é muito grande, conta com uma área de 34 mil km², maior que o estado de Alagoas. Essas terras são visitadas desde o século XIX. Viajantes, botânicos, historiadores, engenheiros de telégrafos, médicos sanitaristas e expedicionários passaram pelo Jalapão. Data de 1846, a passagem do primeiro viajante inglês – George Gardner. Quarenta anos após (1886), mais um viajante inglês – James W. Wells – conheceu o cerrado jalapoeiro e escreveu: *“É de fato uma bela região, e se não fosse tão distante do mundo lá fora, seria um lugar magnífico para criação de gado e a imigração; assim como é, permanecerá provavelmente intocada por muitas gerações, até que os Estados Unidos estejam superpovoados, e talvez o interior da África já todo colonizado, e até que uma ferrovia alcance esta terra linda e promissora”* (von BEHR, 2004, p. 44). Até mesmo a tropa comunista de Luís Carlos Prestes (1898/1990) adentrou ao Jalapão por volta de 1926.

E a Serra do Espírito Santo continua ali (o Morro da Bigorna à esquerda e o Morro do Fumo à direita), com as constantes erosões, observando a passagem dos homens.

Ao subir a Serra do Espírito Santo, fui tomada por uma sensação de profundo encantamento.



Quando adentramos ao Jalapão nunca sabemos o que pode acontecer, por isso é recomendado nunca esquecer: “pá, tábua e corda”. E, após a quarta viagem, quando fui dirigindo o meu carro, acrescentaria: uma caixa de ferramentas e alguns metros de arame. Estar na estrada sempre é um desafio, um risco, especialmente, quando não dominamos o território. Entendendo por território não só o solo com suas propriedades naturais específicas, mas também o trajeto muitas vezes orientado por um mapa. Contudo, no meio do caminho sempre encontramos uma bifurcação: então, qual lado seguir? Placas, praticamente não existem. As poucas colocadas pelos funcionários do Parque Estadual do Jalapão/PEJ caem com a ação do vento e desaparecem ou são retiradas por condutores de má fé. Nesta situação, o viajante deve ficar atento e pegar o máximo de informações. Mas, errar um caminho não significa encontrar outro e novo percurso? Qual deles seguir? Dúvidas e incertezas sempre existirão.





Prancha 18

A vegetação é típica do cerrado: baixa, diversificada, com algumas árvores. Um solo frágil protegido por um revestimento natural. Uma área quase plana. Um território com muitas espécies animais. É possível ver veados, emas, tatus, pássaros e cobras por estas savanas. Vez por outra cruzam a estrada e são atropelados pelos automóveis.

Calor, calor, calor, muito calor.

Silêncio, só o vento faz ruído.

O bicho não ouve o som do carro e volta a cruzar a estrada.



Prancha 19

Aos poucos, o cerrado brasileiro perde a sua natureza para a pecuária e para a monocultura. A plantação de soja entra com força total nesses territórios planos. A previsão do viajante inglês James W. Wells (1886) torna-se quase uma profecia: a ocupação humana é hoje uma realidade. A soja avança sem deixar vestígios das espécies naturais. E o cerrado assiste à troca dos múltiplos verdes por um único tom.



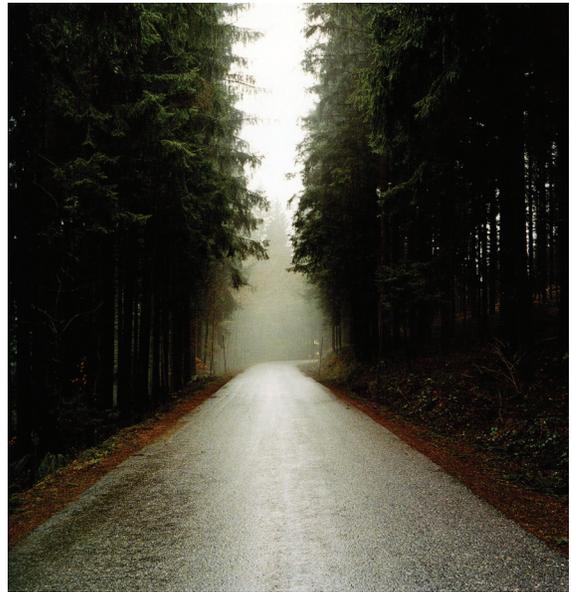
Prancha 20

Caminho, quebrada, picada e percurso são outros nomes para uma estrada. A estrada, de fato, é um caminho já consagrado, isto é, uma direção que se tornou pública, deixou de ser privada para institucionalizar-se. Toda grande estrada já foi um dia um caminho estreito, mas quando passa a ser referência de percurso, quando é um deslocamento de um lugar para outro, como um elo entre uma cidade e outra, torna-se uma estrada. Portanto, é uma construção humana e cultural, além de ser o produto da intervenção do homem em um espaço natural.

O fotógrafo alemão Bernhard Fuchs em seu trabalho *Strassen und Wege* (2009) enfatiza o caminho como marca humana. O homem passa e deixa sua “pegada”, seu “vestígio”, sua história, sua memória, sua civilidade.

“Trierio” é a palavra usada no Jalapão para caminho local, como por exemplo, uma picada aberta que leva para a casa de alguém, para uma queda d’água, um lago, etc. O verbo é o “triar” que nasceu de trilha, isto é, caminhar pelo triero.

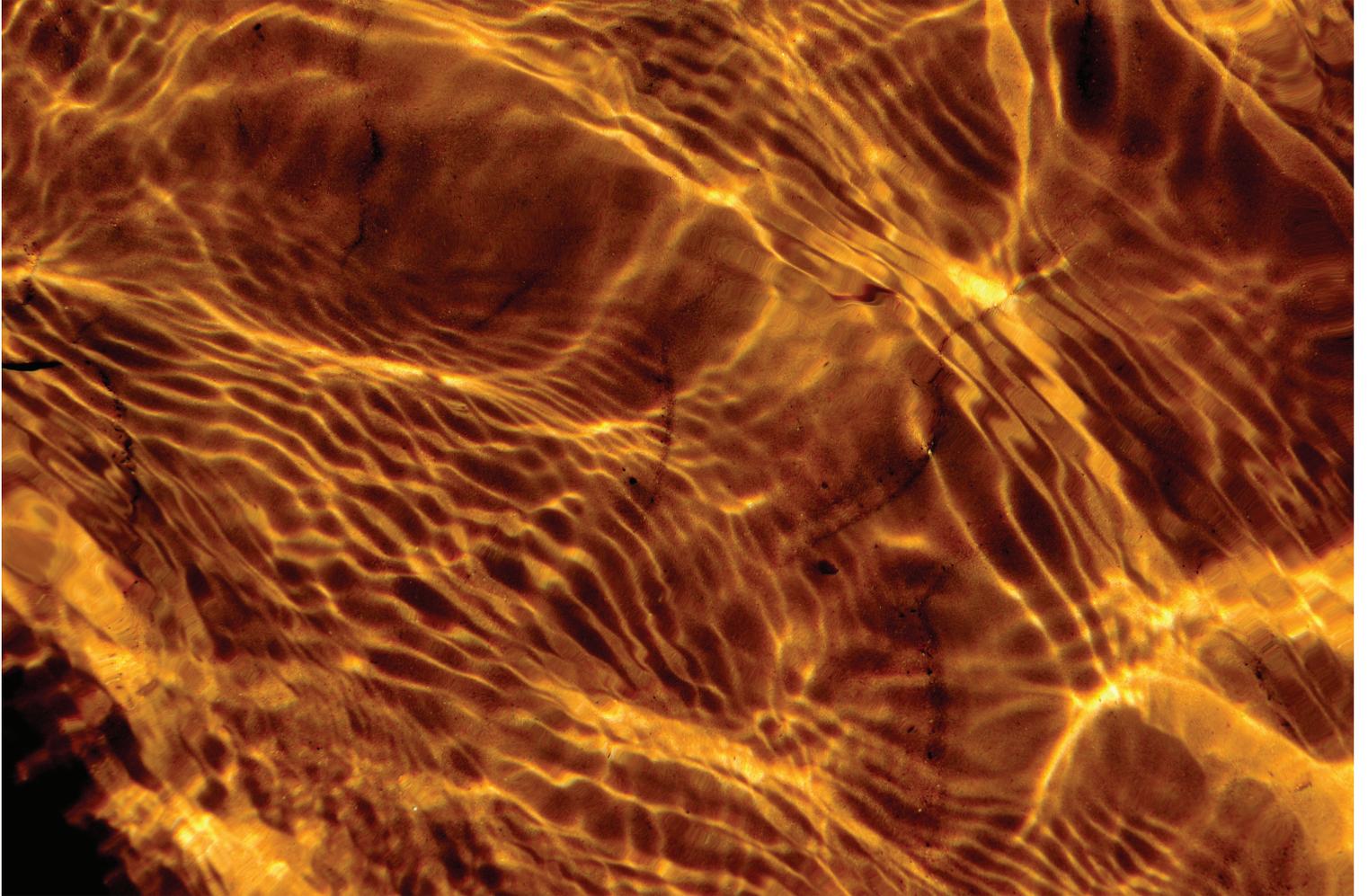
No Jalapão só é possível triar pelos trieros. A estrada é para o carro. O calor e o sol forte impedem o viajante e o homem local de caminhar por longos percursos.



B. Fuchs. Spanfeld, 2007



Na segunda viagem (Dez/2009 e Jan/2010), conheci Ana Cláudia Matos da Silva, moradora da Comunidade da Mumbuca e também de Mateiros, que demonstrou conhecer muito a região, não só as pessoas, mas também as espécies vegetais do cerrado. Assim, Ana Cláudia logo se tornou uma referência – uma informante, como os antropólogos escrevem - para o trabalho. Através dela, passei a conhecer alguns trechos e percursos onde sozinha jamais chegaria. Dentre esses caminhos, fomos até o Rio Soninho. Caminhamos por volta de uns quatro km, entre picadas, estradinhas, casas, pastos e campos úmidos para conseguir chegar. Avistamos uma casinha e seguimos naquela direção. Atrás desta casa, estava: o rio Soninho com sua água escura, mas que ao deixar a luz do sol penetrar, torna-se transparente e límpida, e a cor ocre se sobrepõe. Água gelada e pesada. A correnteza é forte e rápida, o que impede o cruzamento do rio.



Prancha 22

É impressionante verificar a presença da água no Jalapão. Não é pouca água, ao contrário. Podem-se percorrer longas distâncias e não encontrar nenhuma fonte de água potável, mas isto não significa sua ausência. Apenas que o viajante não sabe onde achá-la. O estrangeiro desconhece o seu curso ou ainda as savanas deste imenso cerrado que escondem os acessos às nascentes.

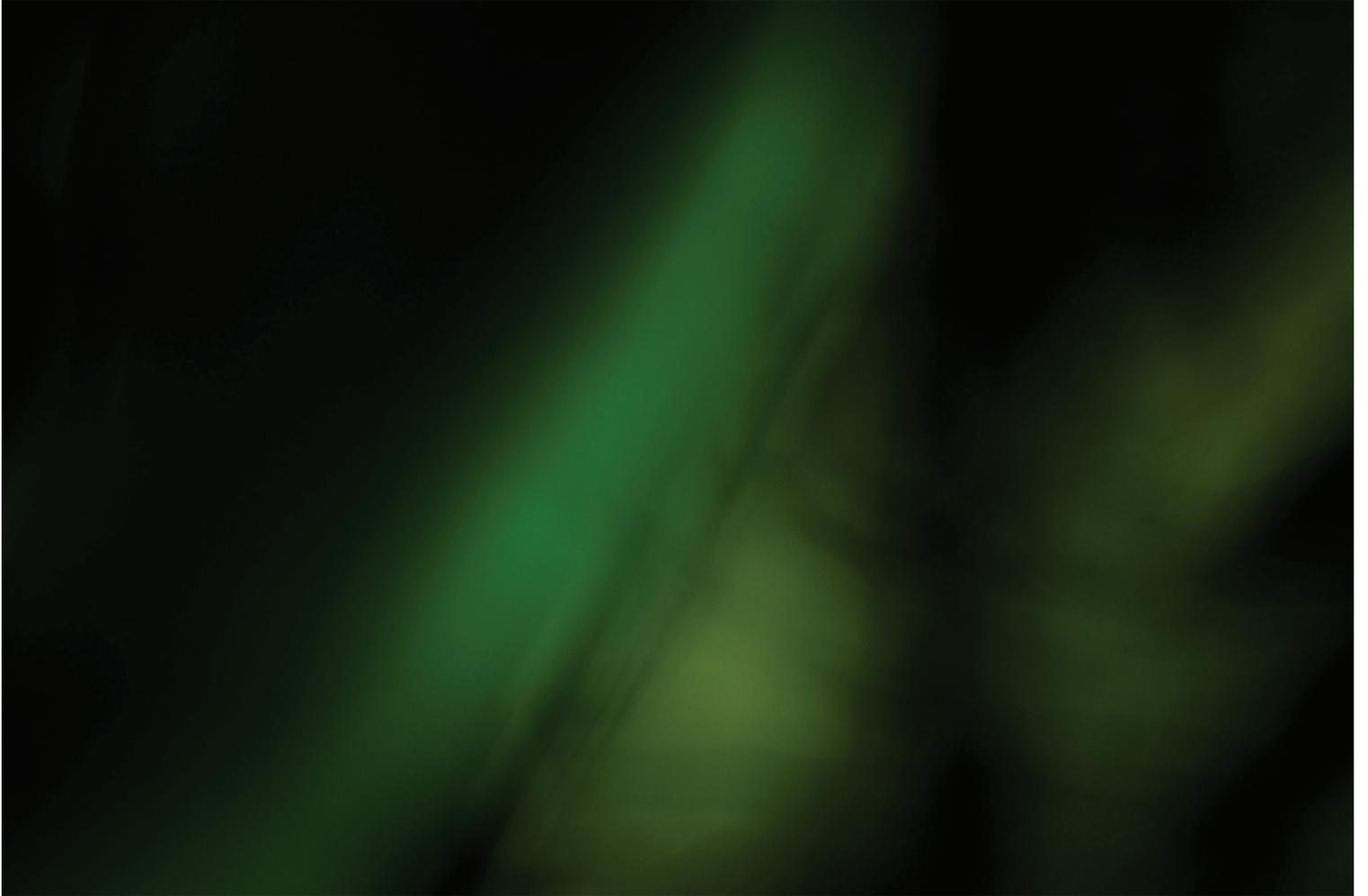
A água está lá, aliás, sempre esteve lá, e não depende das chuvas.



Na terceira viagem (Outubro/2010), pude explorar calmamente o Fervedouro e seu entorno. O Fervedouro é um poço de águas ressurgentes, largo e profundo, que se misturam à areia, onde o homem não afunda. A maioria das pessoas quer conhecê-lo exatamente porque neste poço a água não representa perigo. Contudo, o que está no seu entorno é totalmente esquecido. As bananeiras que o circundam aparentemente só servem para fazer sombra. Mas eliminam folhas que se juntam a outras plantas e acabam por formar uma vegetação muito própria no curso de escoamento da água. Detive-me por algum tempo observando e fotografando essas vegetações que parecem decorar a passagem da água. Formam um desenho singular produzido pelo movimento dela.



Aquele dia foi bastante tranquilo. Depois de fotografar vários pontos de queimadas, finalmente pude sentir o frescor de uma das nascentes de água do Jalapão. Ir até o Fervedouro naquela manhã e encontrá-lo vazio significou entrar em contato com seu estado original. A originalidade reside na própria solidão do lugar. Como um oásis perdido no meio do deserto. Só assim, neste estado, pude de fato senti-lo e explorá-lo fotograficamente. Assim nasceu a Série Frescor. Por que frescor? A sensação é de exuberância e vida. Naquele pedaço de floresta, reside muita vida.



Prancha 25

Peixe de água doce,

Água salgada

Muda-se a água,

Peixe podre

Por Delmar Camilo Soares, poeta e escritor,
residente em Mateiros do Jalapão.



São tantas as espécies de árvores no Jalapão que é difícil escrever e saber exatamente quantas são: Angelim, Araticum, Barbatimão, Baru, Buriti, Ingá, Jacarandá, Jatobá, Mangaba, Mutamba, Pequi, e muitas outras.

Contudo, muitas árvores são como remédios para o homem da floresta. Por exemplo, o Angelim, apesar de árvore típica do cerrado, não é para uso medicinal, pois tem fruto venenoso.

A identificação da vegetação está para a Botânica e, também, para o homem do cerrado.



Prancha 27

Bebe, Joviniana Soares da Cunha, 63 anos, costurou seu vestido branco à mão, apenas com linha e agulha. Ela foi buscar buritirana na casa da irmã, lá no Galhão, comunidade vizinha a Mateiros onde vive.

O leite da buritirana, fruto pequeno e parente do buriti, é extraído para comer com farinha. É uma comida típica do Jalapão.



Prancha 28

O Buriti cai dentro da lama

O que acontece?

Ele amolece!

Por Adão Batista Ribeiro,

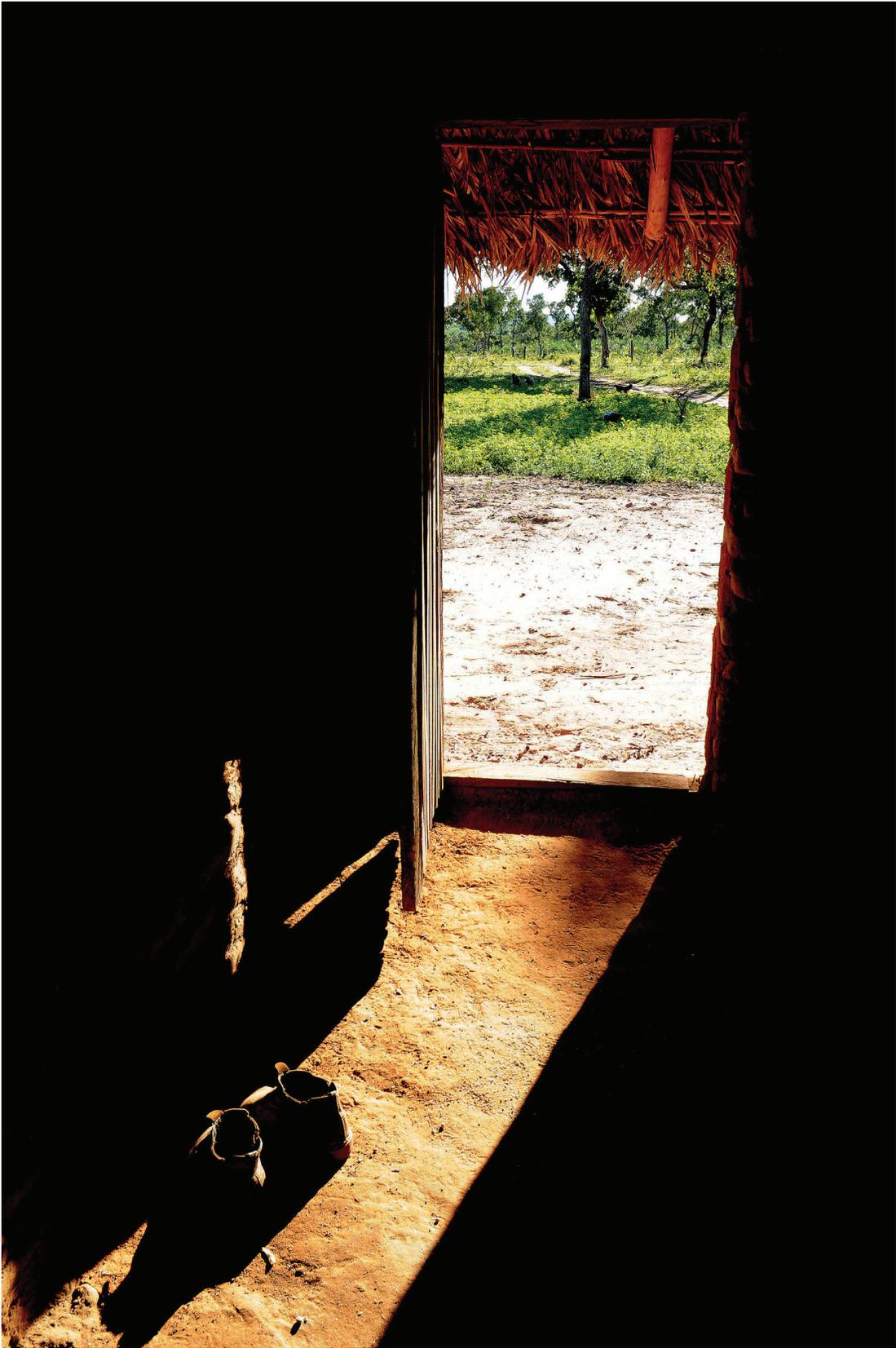
aluno de escola pública e de poesia de Delmar Camilo Soares.



O que leva o homem a se fixar num lugar tão distante? Sem a infra-estrutura desenvolvida pelas sociedades nos últimos séculos? A escolher um lugar solitário? A desejar estar só?

Edilson Alves, 44 anos, conhecido por Cocha, saiu do Maranhão e comprou uma casinha e 90 hectares de terras próximas ao rio Soninho e disse: “*vim cumprir sorte*”. Lá está distante de tudo. Vive sem luz elétrica, não tem vizinhos, não assiste televisão e só encontra alguém quando quer. Quando sente vontade de falar, pega sua moto e vai até Mumbuca (3 km) ou Mateiros (40 km). Conversa até quanto quer e volta para sua vida solitária.

Será a solidão uma sensação vazia? Será a solidão apenas uma circunstância? O Cerrado é uma paisagem de solidão? O Cerrado impõe tal sensação às pessoas?



Dna. Laurentina Ribeiro Matos, 84 anos, foi parteira de toda a Comunidade da Mumbuca e região por mais de trinta anos. Ela aprendeu a ser parteira com a mãe, que aprendeu com a mãe, que aprendeu com a mãe, e hoje não tem a quem ensinar.

Dna. Laurentina ficou viúva aos 40 anos e criou os seus 16 filhos praticamente sozinha. Existiam outras parteiras nas comunidades vizinhas e elas fizeram os seus partos.

Como parteira nunca recebeu nada. Nenhuma grávida e criança morreram, e soube fazer parto de gêmeos, afirmou com segurança.

Atualmente, as mulheres preferem ir até a cidade para ter seus filhos.



Noemi Ribeiro da Silva, 56 anos, solteira, quando criança pegava “ervas do mato” para dar às pessoas doentes. Desde então, ficou conhecida por Dotorá. Foi a primeira filha de Dna. Miúda (Guilhermina Ribeiro Matos, 81 anos) a aprender a fazer artesanato de capim dourado. E diz com muita propriedade que os objetos de capim dourado são trabalhos das mulheres, enquanto os homens colhem e produzem móveis, como sofá e cadeira, de buriti, além de fazer pilão e tapiti para a farinha de mandioca.

Contudo, o que traz dinheiro para a casa continua sendo os objetos de capim dourado, por isso, nos últimos tempos, os homens passaram a trabalhá-lo também.

Com o artesanato de capim dourado, a mesa do mumbuquense tornou-se farta: carne, arroz, sal, açúcar, café, querosene, café de caroço. “*Antes não tinha nada, nem roupa, só lençol*”, segundo Dotorá.

Com a morte de Dna. Miúda em novembro de 2010, a primeira liderança da Comunidade da Mumbuca possivelmente assumirá a política local, uma vez que aquela sociedade é matriarcal.



A pequena Sofia Tavares da Silva, a Sol, é uma verdadeira mumbuquense: tem ascendência branca, indígena e negra. O que também define uma comunidade quilombola. E a Comunidade da Mumbuca está em processo de reconhecimento para legalmente receber o título federal de Quilombola.

Josilene Tavares da Silva, mãe de Sol, disse que a avó paterna era índia e foi pega a laço, porque toda mulher indígena é muito brava.

Esta é uma história muito comum nas regiões norte e nordeste do país. As pessoas que têm alguma fisionomia próxima ao índio brasileiro facilmente lembram-se das avós que foram capturadas. Se verdadeiro ou não, a história faz parte do imaginário coletivo do povo brasileiro.

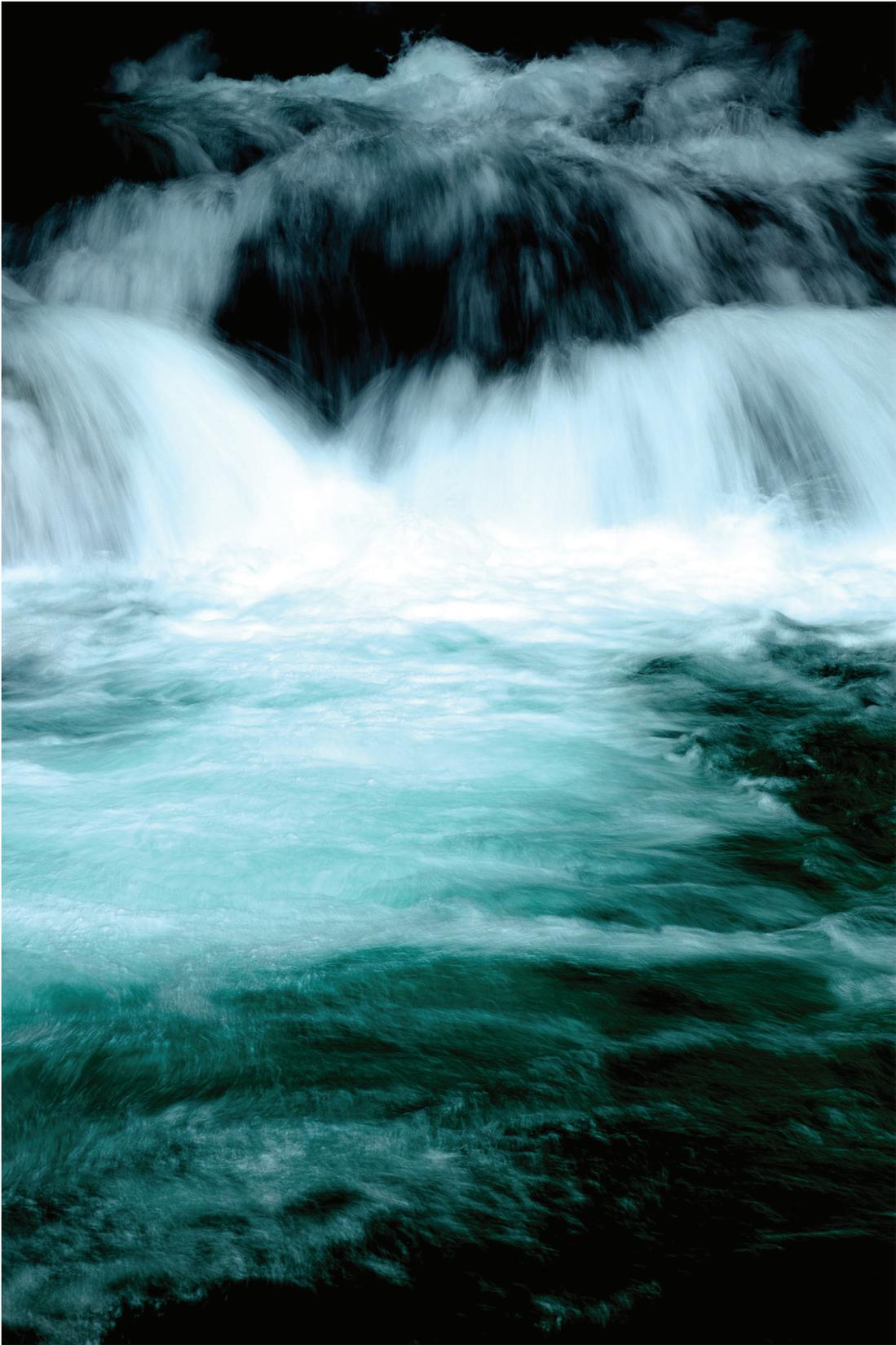
Por alguns minutos, Josilene refletiu sobre o sofrimento das mulheres indígenas e esboçou certa cumplicidade.



“Um velho e criança – um neguinho – preto, preto, preto, muito preto, só os dentes brancos, com a cabeça lumienta, vive dentro da água como se fosse peixe. E tem pés de pato para nadar melhor. Se ele estiver na beira do rio e alguém chamá-lo por nego d’água, ele mata; quer ser chamado de compadre”¹.

Essa é uma das lendas narradas no Jalapão: a Lenda do Nego D’Água.

¹ Lenda narrada por Ana Cláudia Matos da Silva em janeiro de 2011. A palavra “lumienta” pode ser entendida por lume, fogo.



A Flor-do-Rei (*Paepalanthus* sp, nome científico) é conhecida em outras regiões do Cerrado como sempre-viva e/ou chuveirinho, e é parente do capim dourado.

Esse jardim natural é encontrado no caminho para a Cachoeira da Velha, no interior do Jalapão. Longe do que escreveu Anne Cauquelin sobre Lucrécio, esse lugar não é nem selvagem, nem perverso e muito menos pobre (2007, p. 132). O desenho indica ocupação organizada das espécies naturais. Apesar de natural, lembra um campo domesticado.



Outubro de 2010. Terceira Viagem. A viagem do aprofundamento. A coleta do capim dourado acontece entre os meses de setembro e outubro de cada ano. Esta é a data oficial para a extração da haste, a principal matéria prima para a confecção do artesanato. Ao pegar a haste, os coletores – mulheres, homens e jovens – devem retirar a flor e espalhar as sementes secas que medem apenas um milímetro pelos campos úmidos e veredas. Esta ação garantirá um campo farto de capim dourado no ano seguinte. Nessa viagem, cheguei ao Jalapão entre a segunda e a terceira chuva, o que significou não encontrar muitos campos para fotografar. Desconhecia a informação de que a chuva contribui com o escurecimento do capim e também que a principal coleta deve acontecer antes da primeira chuva. Estava certa de que se estivesse lá entre os meses indicados poderia encontrar ainda muitos campos não explorados.

Essa não foi uma viagem tranquila, aliás, qual é? Aquele verão jalapoeiro (abril a setembro) foi marcado por forte seca e a estrada para Mateiros estava quase intransitável. A cidade ficou incomunicável por muitos dias, os inúmeros buracos e fendas no solo esturricado impediam o trânsito dos automóveis grandes e pequenos.

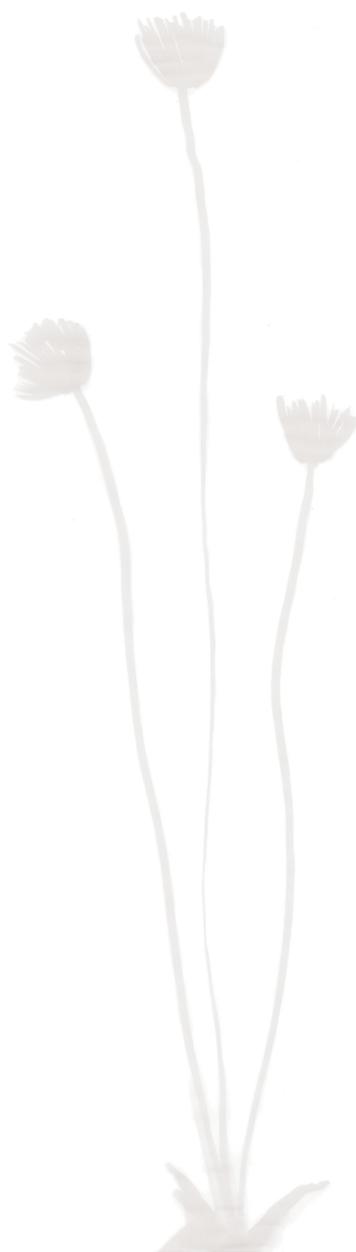
Antes de sair de São Paulo fiz todos os contatos possíveis, especialmente com o Parque Estadual do Jalapão/PEJ. Receava não conseguir chegar. Fiquei por quatro dias e meio em Ponte Alta do Tocantins esperando algum carro para ir a Mateiros. Nesses dias procurei fotografar os campos úmidos e as queimadas próximas de Ponte Alta, uma vez que essa cidade encontra-se na periferia do Jalapão. Apenas na tarde do quinto dia, consegui ir a Mateiros. Adentrar o Cerrado nessas condições foi uma experiência verdadeiramente apreensiva. Chegar a Mateiros foi pra mim uma verdadeira vitória. Mas, e sair de lá? Como fazer? Conseguiria outro carro 4x4?

Chegar e sair, ir e voltar está intrinsecamente associado, fazem parte da mesma viagem, pelo menos ao viajante.



Prancha 36

Tão frágil, tão forte é o capim dourado. Cada capim é composto por flor, haste e roseta. Cada flor tem muitas sementes de apenas um milímetro. É vegetação nativa do cerrado. Tão frágil, tão forte, é o cerrado.



Caderno de Desenho, 2010.

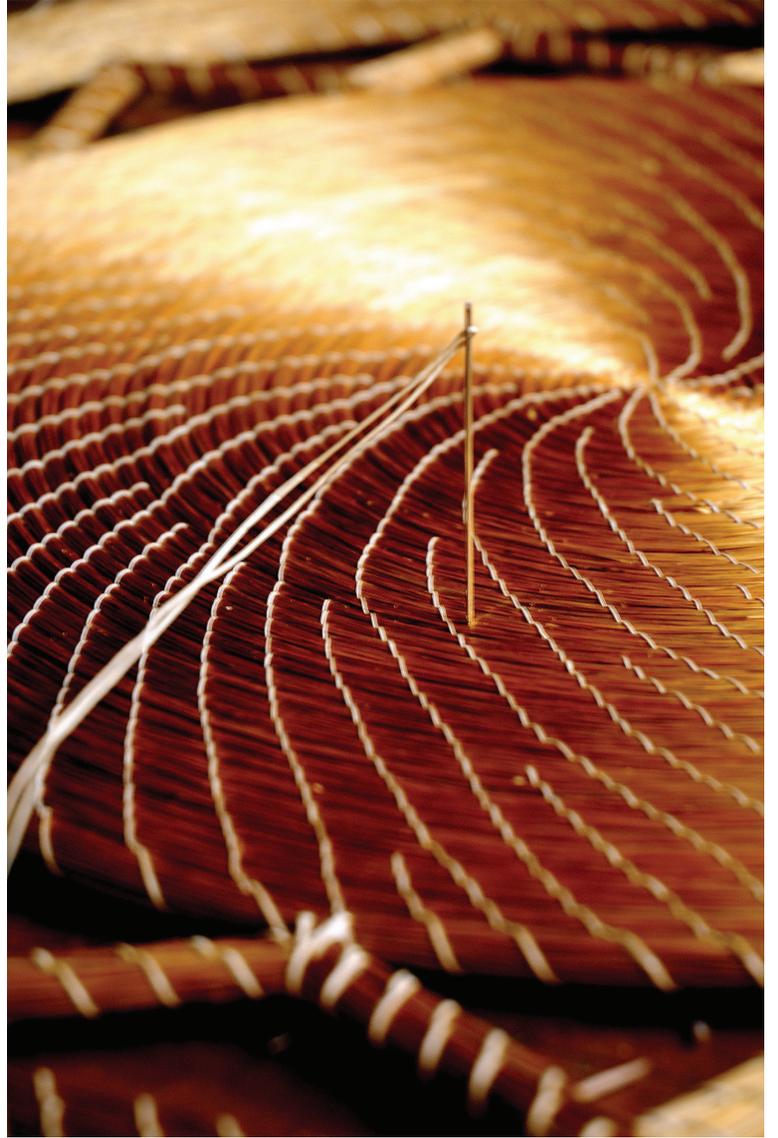


Um quilo de capim dourado vale muito dinheiro. Algumas pessoas apenas coletam o capim e vendem para os artesãos. Os artesãos estocam o capim e tecem aos poucos durante o ano. Os objetos – o artesanato – são produzidos à medida que o artesão e sua família necessitam de algum produto da cidade, urbano e industrializado.

A troca do artesanato, um pote, uma mandala, uma cesta, por exemplo, seguia um modelo tradicional: a mulher o produzia e o marido o trocava na cidade ou na comunidade mais próxima. Historicamente o homem trazia tecido para a mulher costurar o vestido, a blusa, a roupa para a criança. Atualmente, a mulher vende o artesanato e com o dinheiro enquanto moeda de troca compra o que quer.

Todo artesão pode participar de alguma associação de capim dourado de alguma comunidade. Na Mumbuca e em Mateiros existem duas associações diferentes que expõem e vendem os objetos. Desta forma, o artesão não precisa se preocupar em encontrar um comprador. O viajante interessado pode procurar a associação e comprar artesanato de diferentes artesãos.

Hoje, os artesanatos expostos não são só produzidos pelas mulheres: os homens e os jovens também trabalham com o capim dourado, pois é praticamente a única fonte de renda na região para o cidadão comum.

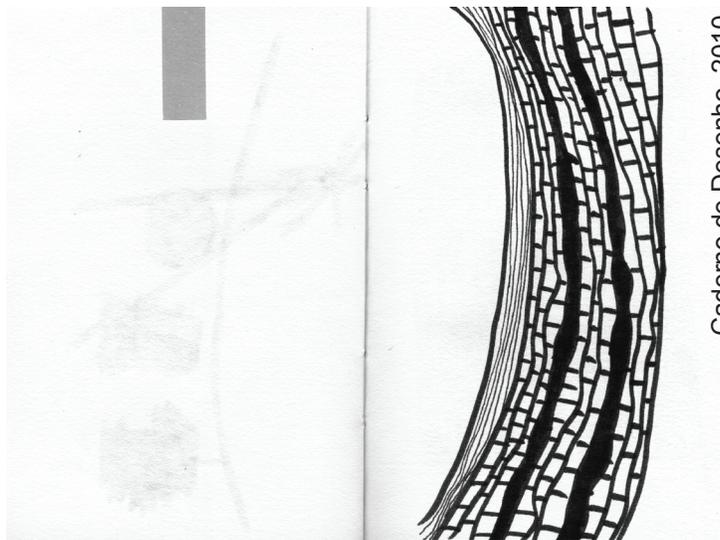


Prancha 38

Para Noemi Ribeiro da Silva, a Dotoria, o capim dourado é a mulher, é o trabalho feminino. Para ela, a mulher tem um projeto e uma ideia, e faz um objeto, um artesanato.

A partir de um projeto para uma peça e da estrutura da matéria capim a mulher procura produzi-lo: *“olha para o capim fino e comprido, pode ser um chapéu com aba larga, por exemplo, procura um lugar para sentar e dá início ao trabalho, precisa de calma, sossego e concentração”*.

Portanto, mulher, ideia e matéria, metaforicamente, significam a estrutura de uma peça de capim dourado.



Caderno de Desenho, 2010.



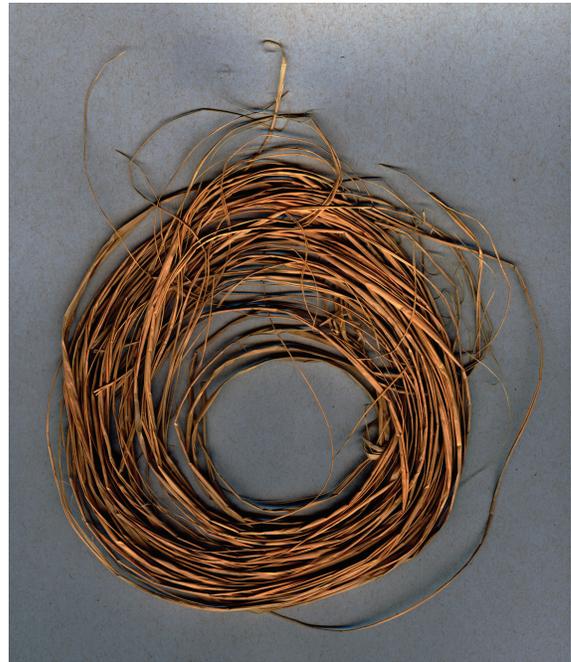
Prancha 39

O artesanato tradicional não depende só do capim dourado. Do buriti (*Mauritia flexuosa*, nome científico) vem a linha que é usada para costurar as hastes. Nos últimos tempos, este material tem sido substituído por fio dourado industrializado, o que desvaloriza o objeto artesanal.

O homem extrai do olho do fruto do buriti a linha de seda. É, portanto, um trabalho masculino.

O buriti pode ser considerado a moeda natural do Cerrado. Do buriti é possível fazer vários outros produtos: móveis e instrumento musical da árvore, doce e salgado do fruto, óleo para cozinhar e temperar a comida, suco, produtos comestíveis, tais como bolo e bolachas, sabonete, creme corporal, shampoo, perfume, entre outros.

O homem é o ser vivo mais adaptável, onde estiver conseguirá com sua inteligência transformar o meio ambiente. Não tem asas para voar, mas tem cabeça para sonhar. Lembrando da ideia do antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908/2009) de que *“o homem não é só bom para comer, é bom para pensar”* (1980).



Caderno de Desenho, 2010.



As artesãs sentam perto de outras mulheres e todas tecem, e conversam. Nessas produções coletivas acabam por trocar informações. São rodas de conversa onde cada uma expõe sua vida mais íntima. À medida que o tempo passa, o artesanato se estrutura e as mulheres participam da vida da comunidade. De longe, é possível ouvir as risadas e as vozes femininas. Os homens também gostam de participar dessas conversas, mas ali sabem que tem pouco ou nenhum espaço, pois o assunto é feminino e um dos temas é o próprio homem. As conversas têm uma função social e psíquica interessante: é através desses diálogos e monólogos que as mulheres colocam suas reflexões e suas soluções sobre os mais variados assuntos. Algumas ocupam o papel de ouvinte enquanto outras de oradora, mas todas compartilham os seus desejos mais secretos.

O cansaço físico sentido pela postura corporal exigida em confeccionar o objeto de capim dourado é diluído com o tempo. A conversa funciona como remédio para a mente e o corpo.



Prancha 41

Quanto tempo leva para confeccionar esta mandala?
Quanto tempo leva para o fogo destruir um campo de capim dourado?

O fogo é usado em diferentes manejos, ou seja, preparos do solo: desde a roça até a colheita do capim. Segundo a cultura local, o fogo estimula a floração do capim dourado, contudo se chegar às veredas pode provocar graves incêndios.

É nesse hiato entre a coleta e a espargir das sementes que o fogo é lançado sobre o campo de capim dourado. Se por um lado, o capim dourado é beneficiado, por outro diferentes espécies da flora são queimadas, e praticamente destruídas.

O que fazer então?



Cademo de Desenho, 2010.



Mumbuca é o nome de uma abelha. Um tipo de abelha da terra. Quando os primeiros migrantes negros chegaram à região nomearam a Comunidade de Mumbuca, porque lá tinha muita abelha.

Os primeiros habitantes, conforme as histórias relatadas, vieram da Bahia. Eram escravos que deixaram os quilombos e adentram às terras do Jalapão. Além do mel produzido, essas pessoas encontraram um lugar com muita água e uma terra boa para a agricultura, então resolveram ficar e criar uma comunidade, uma vila.

Segundo Ditora, a Comunidade da Mumbuca tem quase um século de existência. E todas as pessoas são parentes, descendentes praticamente de poucas famílias: a Matos, a Silva e a Ribeiro. As duas mulheres mais idosas são Dna. Laurentina Ribeiro Matos, 84 anos, e Dna Guilhermina Matos da Silva, 81 anos (falecida em 11 de novembro de 2010).

Viver na Mumbuca foi e continua sendo um grande exercício de insistência e paciência, pois a comunidade é muito longe. Viajar significava sair do Estado de Goiás. Significava ir à Formosa na Bahia e à Corrente no Piauí, as maiores e próximas cidades. O Jalapão é mais próximo da Bahia e do Piauí do que do próprio Estado do Tocantins, inclusive hoje. Portanto, sair da Mumbuca era uma tarefa para os homens que levavam trinta dias de viagem durante o verão e vinte dias no inverno. O homem tinha uma vida pública, enquanto a mulher uma vida interna à comunidade.

As mulheres aprenderam a manipular o capim dourado e a produzir objetos com alguns índios que passaram por lá. Ninguém soube dizer qual era a etnia desse povo indígena. A partir daí, passaram a fazer caixas redondas com tampa de diferentes tamanhos. Estes potes serviam para organizar “*as coisinhas femininas*”, conforme enfatizou Ditora, a tesoura, a linha, o dedal, o tecido, a agulha, a aliança. O artesanato de capim dourado tinha essa finalidade: guardar os objetos do universo da mulher. Como as mulheres estavam longe da cidade sempre solicitavam alguma coisa para os seus homens. Como estes não tinham dinheiro, porque também dependiam dos produtos agrícolas vendidos, elas tiveram a ideia de trocar os artesanatos por alguma coisa que necessitavam. Assim, os homens passaram a levar os objetos de capim dourado que eram trocados por metros de tecido de algodão “Volta Mundo”. Desde aqueles tempos, o artesanato de capim dourado transformou-se em um bem valioso.

Segundo Tônia, Antônia Ribeiro da Silva, 43 anos, “... *não deixo minha capital mumbuca, pode ter mulher feia, homem preguiçoso, sapo no banheiro, galinha na cozinha, mas minha Capital é a Mumbuca*”.



Mateiros do Jalapão é uma cidade que nasceu no entorno de uma rodovia estadual. Oficialmente, o Município foi criado em fevereiro de 1991. E no ano seguinte, foi eleito o primeiro prefeito.

Conta aproximadamente com 1800 habitantes e extra-oficialmente com quase 3200 pessoas. Por que a diferença?

Mateiros está dividida entre as áreas urbana e a rural com as comunidades: Mumbuca, Fazenda Nova, Capão do Modesto, Galhão, Galheiros, Carrapato, Borá, Mumbuquinha e Boa Esperança. Além de pequenos povoados não denominados em vários e distantes lugares.

É uma típica cidade interiorana: praça em construção, escolas públicas, posto de saúde, prefeitura, algumas igrejas, posto de combustível, algumas vendas, algumas pousadas, um restaurante, um cartório, uma delegacia, uma rádio local, enfim o que uma cidade precisa para tornar-se cidade.

Mateiros está em constante transformação. Quer ser uma cidade expressiva. E todos os habitantes parecem concordar com esta ideia. Sabem que melhores benfeitorias podem gerar maior número de empregos.

Mateiros do Jalapão é potencialmente uma cidade turística. Deseja ser uma cidade turística.

Mateiros do Jalapão é muito longe.



As casas no Jalapão são humildes e as fachadas exibem alguma singularidade.

A cadeira colocada propositalmente na frente da casa e próxima à janela revela um morador atento aos espaços público e privado, simultaneamente: alguém que passa e chama para uma conversa, e o choro da criança quando acorda. O tapete colocado na porta de entrada também revela a divisão entre a rua e a casa.

Os assuntos comuns à comunidade são tratados na rua, enquanto os da família no interior da casa.

Poucas vezes fui convidada para entrar no espaço doméstico, na sala ou na cozinha. Como viajante fui tratada. Não sou de lá. Sou de outro lugar. Portanto fui tratada como estrangeira e como estranha ao povoado local só poderia saber das coisas públicas.

Nessas conversas públicas, logo ouvi um acento diferenciado: as palavras terminadas com a letra l ganham uma letra i no final, por exemplo, especial torna-se especiali, sol torna-se soli, Natal torna-se Natali. E assim fui me inserindo na linguagem local.



Uma casa é construída aos poucos. Os móveis, os objetos necessários e decorativos, são colocados no interior dos espaços domésticos segundo a história de vida de cada morador, de cada família. Nenhuma casa está de fato terminada. Sempre resta algo por fazer. Experimentar o ambiente também faz parte deste quase pronto. Portanto, a casa é um espaço de constante experimentação. É um laboratório doméstico e necessário ao homem que muda, transforma, coloca, retira, enfim torna a casa um lugar dinâmico que reflete o seu estado de espírito, o seu humor, a sua ansiedade, a sua relação com a vida. Convidar alguém para a sua casa significa abrir um pouco a sua vida para o outro.



A região jalapoeira está entre as áreas mais pobres do país. A ausência de infra-estrutura é grande. O acesso é difícil, tanto por Novo Acordo, quanto por Ponte Alta do Tocantins. A inexistência de transporte público impede a locomoção entre os povoados na zona rural. A população sobrevive da agricultura de subsistência, das poucas cabeças de gado, da caça, do comércio local e familiar, do serviço público, e, nos últimos dez anos, dos produtos de capim dourado e do turismo sazonal. Apesar das visíveis transformações e do potencial de crescimento, falta muito para a cidade de Mateiros do Jalapão tornar-se uma cidade auto-sustentável.

Além das questões materiais, a região sofre com um índice considerável de hanseníase. O número de pessoas contaminadas pelo vírus da lepra é grande. A casa mal iluminada, fechada e sem janela colabora para a contaminação e incubação da doença.



A carne de caça está proibida na região. Contudo, a caça é muito apreciada. Os animais mais cobiçados são: veado, tatu, ema, anta e perdiz. Culturalmente, o jalapoeiro não tinha o hábito de comer galinha, apenas os ovos. Com as implantações da Área de Proteção Ambiental do Jalapão/APA (2000) e do Parque Estadual do Jalapão/PEJ (2001), o ato de caçar tornou-se ilegal. Mas uma cultura não é transformada por uma lei, por um decreto. É necessário algum tempo para a população assimilar novos costumes e, especialmente, novas formas de alimentação.

A comida tradicional do sertanejo é o arroz, o feijão, a farinha e a carne. Este prato tem alto teor proteico e alimentar. Contudo, a região apresenta alto índice de desnutrição. Estes alimentos não estão diariamente na mesa do jalapoeiro. Se a caça é proibida, é necessário apresentar uma alternativa. O gado é uma forma de substituição, mas nem todos os habitantes locais dispõem de recursos para a compra.

Não existe ainda uma casa de carnes – um açougue, por exemplo. A exposição do produto é feita ao ar livre ou em caixas com telas para espantar as moscas.



Dna. Rosa, Maria Rosa Vieira de Souza, 50 anos, é a proprietária do único restaurante da cidade. O prato típico – arroz, feijão e carne de vaca – é preparado todos os dias. São poucas as variações, como salada, macarrão, galinha e ovo frito. Dejanira Vieira Marques, 16 anos, sua filha, é sua assistente oficial. Juntas trabalham de segunda a segunda-feira, sem folga, sem feriado.

O restaurante está na casa da proprietária e funcionava como extensão da cozinha, atualmente está nos fundos do imóvel, o que propicia um ambiente familiar, aliás, todos os filhos fazem algum trabalho no restaurante, como por exemplo, buscar uma bebida, entregar uma “quentinha”, atender ao celular.

Dna. Rosa nasceu na roça, aprendeu a lidar com a terra, viveu na cidade, mas voltou para o Jalapão, conforme disse. De lavradora, aos poucos, passa à pequena empresária, nome que parece rejeitar.

Enquanto único local para almoçar, recebe todos os turistas, viajantes, pesquisadores, trabalhadores sazonais, funcionários da prefeitura, entre outros, o que o faz o local mais frequentado de Mateiros.



Prancha 49

As panelas com a comida são dispostas sobre o fogão. Cada um pega o seu prato e serve o que quer. Não é exatamente um self-service, um kilo, como estamos acostumados em São Paulo, mas a ideia da proprietária é tornar o ambiente o mais descontraído possível. Dna. Rosa não recebe um desconhecido, um estrangeiro, procura tratar todos como amigos. Sente-se muito à vontade na presença de todos e todos a tratam como uma pessoa da família. Dna. Rosa não quer ser Dna., quer ser Tia Rosa, o que a aproxima de um parentesco real.



Destruir o antigo para construir o novo é uma ação comum no país. Velho e Novo aqui parece não combinar, não podem coexistir. Seguindo essa lógica, o poder público municipal solicitou aos proprietários das casas em ruínas que as destruíssem completamente, porque o entorno da praça principal, o futuro cartão postal de Mateiros, deve contar apenas com bons imóveis.

É fácil compreender esse raciocínio em uma cidade interiorana que almeja o crescimento e que até 2010 não contava com nenhuma praça, afinal é um espaço de consagração da urbanidade. Contudo, também é possível pensar que a ruína traz um pouco da história do próprio desenvolvimento do lugar. Às vezes, o movimento ascendente de uma cidade deixa transparecer o seu declínio intrínseco.

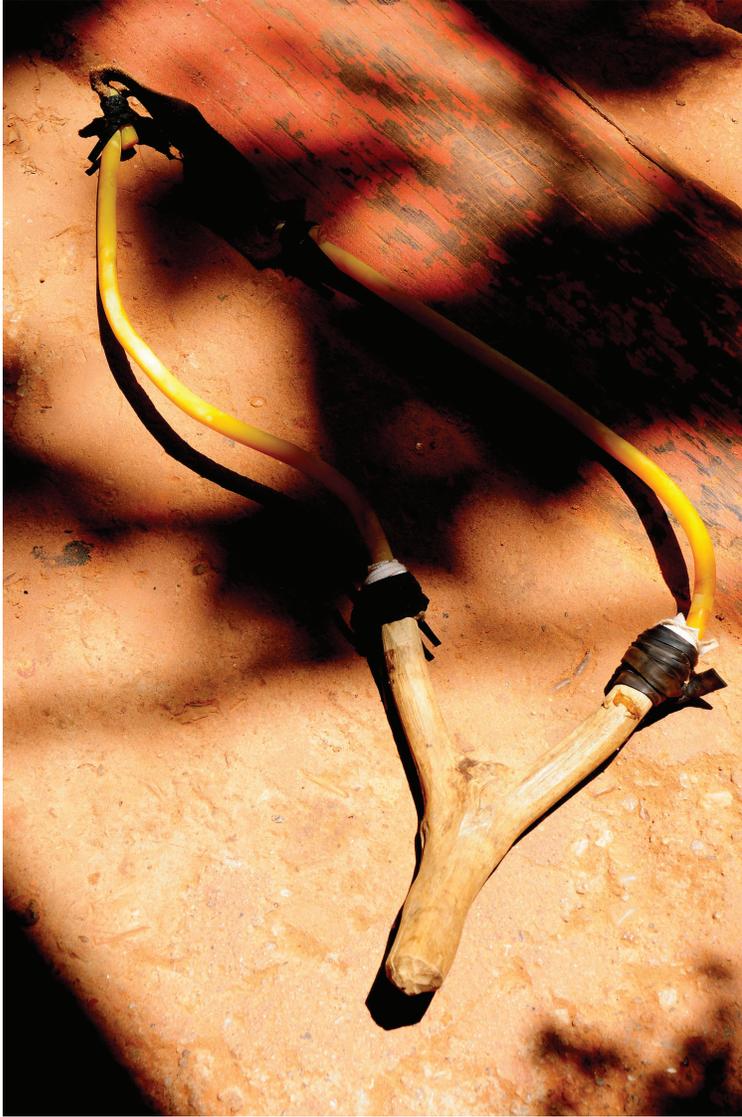


Jean estava ali. Olhava tudo ao seu redor. Logo que cheguei, passei a ser o objeto de sua observação. Aos poucos, se aproximou e pousou suas mãos sobre a cadeira. Olhava-me insistentemente. Falava com os seus olhos verdes. Não ouvi sua voz. Não sei qual é o timbre da sua voz, a sua música verbal. Mas quando eu percebi sua beleza, logo pedi para tirar uma fotografia e ele me olhou com consentimento. Ao analisar a imagem, me dei conta da sua força, da sua seriedade, da delicadeza da criança nascida no cerrado.



O estilingue é conhecido por baladeira no Jalapão. Todo menino tem uma baladeira e com ela começa a treinar a pontaria. Acertar passarinho, preá, gato, bicho pequeno é o seu objetivo. Quando atinge o primeiro animalzinho, tem a sensação de plenitude, de reconhecimento pelo aprendizado.

Quando o menino cresce, torna-se homem, substitui a baladeira pelo facão. O facão abre picadas no mato fechado, é instrumento da roça e da caça. Mas também, resolve os assuntos entre homens.



O Jalapão é um lugar de ambiguidades: a delicadeza e a brutalidade estão juntas. A oposição é um adjetivo para este cerrado brasileiro. Ao mesmo tempo, apresenta uma riqueza inesgotável e também revela sua fragilidade. Os habitantes também carregam estes elementos: o belo e o feio são complementos do homem jalapoeiro.

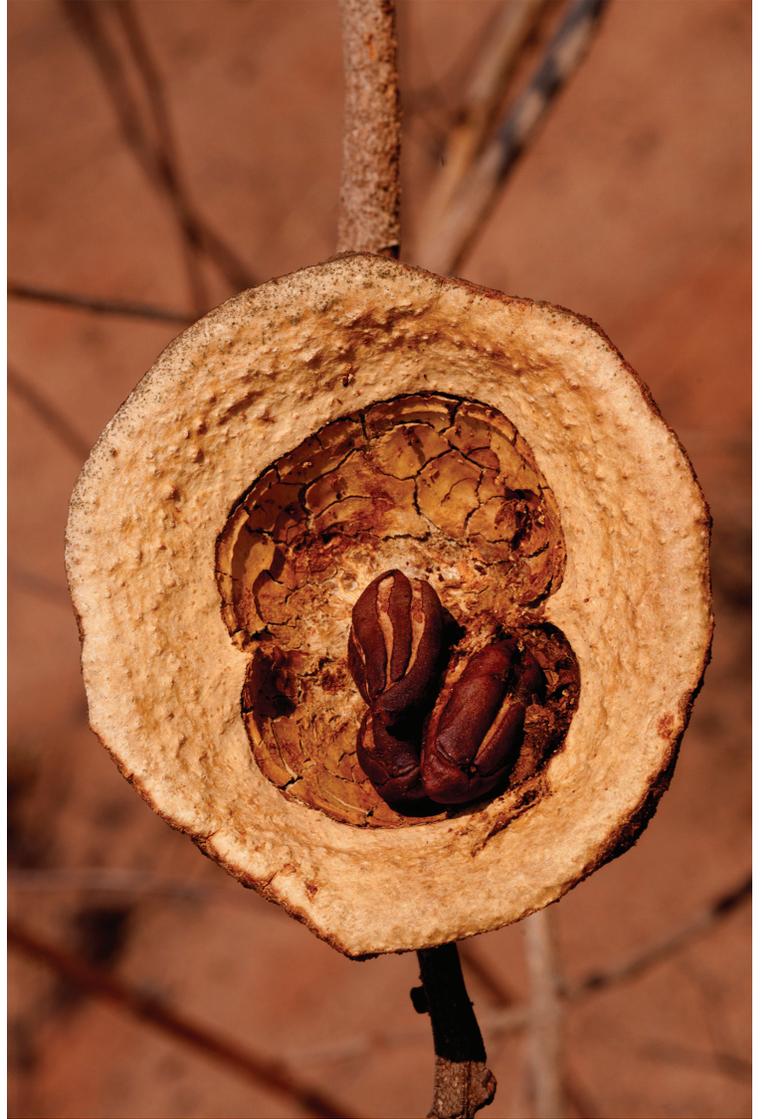
Os extremos são visíveis: o gostoso e o ruim, a beleza e a feiúra, o forte e o fraco, o agressivo e o suave; enfim, o eterno contraste. Mas tudo aponta para um movimento, nada é estático, tudo tem uma dinâmica imanente.



Nos anos anteriores, o cerrado não passou por um incêndio tão devastador quanto este do último período de seca. Os funcionários do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/ICMBio trabalharam sem parar para barrar os inúmeros focos de fogo que proliferaram pelos campos do Jalapão. A estiagem foi marcante entre os meses de maio a setembro de 2010. Contudo, mais de noventa por cento da queimada produzida foi de responsabilidade humana. O homem jalapoeiro continua fazendo o manejo das áreas para a agricultura e para o gado ateando fogo no cerrado.



Outubro de 2010. Terceira Viagem. Caminhei pelas queimadas e pude sentir o calor daquele solo quente. A terra ainda ardia. Os meus pés também sentiram a alta temperatura do último incêndio, da última queimada. Lá pude constatar a morte de inúmeras plantas. Entre elas a sapucaia, como Ricardo, o guia local, identificou-a. A sapucaia é um fruto consumido pelo homem e também pela fauna. Sua planta é típica de solos secos. Ver a resistência de um fruto, mesmo morto, ainda preso ao galho que o sustenta à árvore é impressionante. O tom marrom e seco transmite uma sensação de intensa tristeza. A vontade é ir embora, sair dali, correr para um lugar distante.



Prancha 56

O homem tem certa fascinação pelo fogo. A cor, a temperatura, a diversidade da forma, a transparência, a intensidade da labareda, a efemeridade são características que tangenciam o fascínio do elemento fogo. Contudo, o fogo é tão ambíguo quanto o cerrado: alimenta e destrói. Satisfaz o corpo com a comida cozida, assada e quente, e pode destruir rapidamente o solo que sustenta as diferentes espécies tanto da flora quanto da fauna que não só representam a diversidade biológica e também a variedade alimentar.



Prancha 57

A forma permanece quase intacta. Alguns lados retorcidos. A cor mudou. De verde originalmente para dourada, como duas etapas diferentes do seu ciclo que fora alterado pela ação nefasta do incêndio.

Apesar da resistência caiu no chão, o solo quente continuará forçando alguma mudança em sua constituição. A folha se decomporá e alimentará a própria terra que levará mais tempo até atingir o seu estado inicial, se conseguir.



Sr. Thomé Rodrigues dos Santos, 90 anos, disse que “*quem come carne de ema nunca mais vai embora*”. É interessante ouvir a afirmação de alguém que reside na região de Mateiros desde 1925, quando chegou ainda criança. A ema, ave corredora do cerrado e planície, pode ser avistada de longe, às vezes atravessa velozmente a estrada e adentra os campos típicos, está quase sempre com seu par ou em grupo. Atualmente, é proibido caçá-la. Os órgãos públicos e as leis objetivam a sua proteção e a manutenção de um lugar preservado para a sua reprodução, o que garantirá a espécie. Contudo, quem garante a educação do homem? O cerrado é anualmente vítima de inúmeros incêndios devastadores. Nada sobrevive ao fogo. O homem parece ser presa da sua própria ação: a longo prazo, não terá a terra para plantar e nem a ema para caçar.



Aproximei-me da obra de Joseph Beuys em setembro de 2010. Um pouco antes de realizar a terceira viagem ao Jalapão. O artista traz, entre outras questões, a ideia de natureza como obra de arte e a planta aparece como um arquétipo da escultura social.

Inconscientemente, a natureza sempre esteve nos meus trabalhos fotográficos como matéria e resultado do processo em arte. Conscientemente, tornei a natureza o norte desta pesquisa.

Novamente nesta imagem a ideia de resistência aparece: as folhas presas e retorcidas continuam exibindo, de certa forma, a sua plástica original.



A natureza também tem memória, a casca de tronco de árvore traz as suas marcas. A casca de pau-pombo, na imagem fotográfica, não tem uso medicinal, pelo menos na Comunidade da Mumbuca. Tradicionalmente, a floresta é a farmácia do raizeiro, daquele que conhece as raízes e prepara os remédios populares. Quando o “dotor” raspa a casca, insere no tronco um registro, uma ação que indica o uso humano.

A natureza partilha essas memórias: o movimento do próprio bioma, a inscrição do homem e de outros seres vivos que deixam os seus rastros.

O reconhecimento dessas marcas depende do conhecimento do contexto e do conteúdo da própria natureza.



Volker Harlan escreveu que “*O homem saudável, acreditava, pode combinar harmonicamente querer, sentir e pensar*” (BEUYS, 2010/2011, p. 36). A afirmação diz sobre uma das reflexões do artista Beuys. É inerente ao homem o sentimento, o desejo e o pensamento, e depois a ação, a transformação da ideia em algo concreto, existe assim uma relação profunda entre a estética e a ética, entre o fazer poético e o compromisso com a natureza e, conseqüentemente, com a conservação da vida humana.

O homem comunica o seu pensamento através dos seus gestos. Existe um conjunto de sinais que indica a intenção humana. Então, qual é o pensamento do homem quando lança mão do machado, da moto serra, do fogo em um determinado bioma, especificamente, no cerrado? Qual é o raciocínio norteador desta ação? É apenas uma necessidade circunstancial?



Uma das estratégias para combater o fogo é usar o próprio fogo para contê-lo. O sucesso do método depende da direção do vento. Se o vento não estiver favorável ao contra fogo, o incêndio poderá se alastrar em direções não previstas e desencadear ondas de inúmeros focos, podendo atingir quilômetros de distância.

Uma ação contraditória, mas que depende muito do conhecimento do homem sobre os diferentes fatores que podem interferir, por exemplo, no manejo racional do solo.

O cerrado, segundo os profissionais das Ciências Naturais, resiste até o terceiro incêndio. É impressionante a revitalização do solo depois de aproximadamente duas semanas. Os brotos de diferentes espécies da flora despontam da terra com energia e vida. O solo ainda quente, por conta da alta temperatura do fogo, torna-se um berço que embala delicadamente cada plantinha. Esses brotos também servem de comida para o gado.

Mas depois da terceira queimada, a terra embrutece, torna-se rígida, deixa de ser o lugar de nascimento para ser o cemitério das espécies vegetais, conseqüentemente, dos animais também.



Da primeira à quarta viagem - do encantamento, do descobrimento, do aprofundamento, do refinamento - a minha percepção sobre o Jalapão mudou. É impressionante verificar que a superfície é sempre um estado de aparência e o mergulho um processo de conhecimento dos diferentes níveis, as diversas camadas, que compõem o objeto de pesquisa, por exemplo.

Passei da sensação que identifiquei como sublime, porque acredito que é possível senti-lo ainda hoje no mundo contemporâneo, do estado de contemplação da paisagem, do reconhecimento da beleza que marca o cerrado, da viagem exterior para uma viagem interior, de resgate das minhas influências (o mapa para Deleuze/ 2005 que compõe a infância e a adolescência), para certo aprofundamento com o universo da Arte e essência Etnográfica, sem perder o norte do fazer poético que passa pela intuição, percepção, sentimento, pesquisa, razão, enfim, um trabalho em processo.

Neste percurso, o primeiro corte e costura fotográfica, toquei em outra área, especificamente, as Ciências Naturais. Longe de querer assumir qualquer postura científica, reconheço que a Biologia, a Botânica, a Geografia e a Geologia são lugares essenciais para o estudo do Cerrado. Vale reconhecer que o universo da arte não é exclusivista, a cada projeto nos deparamos com conhecimentos de outras áreas, com outros saberes. Como viajante me comportei, ouvi, refleti e assimilei o que fez sentido para o fazer poético.

Beuys identificou a floresta como uma estrutura social e, em particular, a maior delas: a Floresta Amazônica (BEUYS, 2010/2011, p. 36). Nas últimas décadas, a Amazônia Brasileira foi e é lembrada como o pulmão verde do mundo e neste caso sua preservação é urgente. Mas, e o Cerrado? Qual é a sua importância para o homem e o mundo contemporâneo? Foi transformado de fato numa área de reserva para a exploração legal? O que fazer?





2010

CONSIDERAÇÕES POÉTICAS

*“Perder-se também é caminho”,
segundo Clarice Lispector (MOSER, 2009).*

Estrada, Paisagem e Capim – Fotografias e Relatos no Jalapão nasceu de uma viagem. O primeiro deslocamento realizado ao território jalapoeiro no interior do Estado do Tocantins, em Julho de 2006, que posteriormente a identifiquei por **Viagem do Encantamento**. Por que encantamento? Percorrer e adentrar o interior do cerrado, em contato com as sensações de imensidão e infinito, desencadeou um sentimento tão profundo e revelador que foi capaz de ultrapassar a percepção e qualquer expectativa sobre o lugar. Aliás, nenhuma descrição – escrita ou visual - é suficiente para dar conta da sensação inicial com o cerrado e, especificamente, com o Jalapão. Assim, a primeira viagem está na ordem da percepção, do sutil, do subjetivo que são chaves para reconhecer a forma de conhecimento que não passa apenas pela razão, o pensamento racional e objetivo. Ao contrário, estas sensações pertencem ao universo sensorial, do desconhecido, do inconsciente, da memória, das diferentes fases da vida humana.

Na Viagem do Encantamento, a paisagem despontou como protagonista e o silêncio e a solidão como características do cerrado. O percurso da viagem, marcado pelos vários deslocamentos nas estradas estaduais e locais, foi acompanhado da descoberta das montanhas distantes, das árvores retorcidas, da diversidade da flora, da intensidade do calor, e, essencialmente, por um mergulho interior composto por camadas estruturadas e sobrepostas que também desenhavam um caminho desde a superfície até o interior do pensamento. Como se a percepção se expandisse para além das sensações humanas, ocupando um espaço maior que o corpo físico.

A viagem enquanto deslocamento – o ir e o vir – e a experiência estética – a cor, a forma, a linha, o som - tomou forma e desenhou o norte da pesquisa poética através das inúmeras fotografias compostas. A contemplação se consagrou como essência do estar e sentir o cerrado através da paisagem e do infinito no traço do horizonte. Portanto, viagem e contemplação no trabalho representam estratégia e necessidade, respectivamente, do conhecimento e do fazer poético.



Cerrado Mineiro, São Gonçalo do Rio das Pedras, 2007.

“O deslocamento no espaço é simultaneamente uma travessia no tempo, em direção ao passado mais distante. Mas as paisagens reencontradas ressoam segundo o que elas evocam e tornam possível na dramaturgia pessoal do viajante. Se há um espírito que se afeiçoa ao lugar, é porque a viagem está nele ao mesmo tempo. A estadia, longe de nos deixar sempre perdidos no oceano das curiosidades inúteis, nos conduz, às vezes, em certos lugares privilegiados, a nós mesmos, nos faz reentrar em nós mesmos” (BESSE, 2006, p. 45).

Foi com esse espírito e desejo em reencontrar os sentimentos da Viagem do Encantamento que escrevi um projeto de pesquisa sobre o cerrado jalapoeiro. Fazia muito tempo que estava procurando algo que realmente fizesse sentido pra mim e, possivelmente, também para outros. Contudo, o trabalho, por mais que não quisesse, tinha um acento antropológico, ou seja, a partir do capim dourado, a manufatura do objeto e a mulher como transformadora da matéria, seriam inicialmente as peças-chaves da investigação poética.

Contudo, antes do retorno ao Jalapão para uma segunda viagem, resolvi empreender uma excursão ao norte de Minas Gerais, precisamente a região desde a Serra do Cipó até o médio Jequitinhonha em julho de 2007. A distância entre São Paulo e o Tocantins tinha que ser considerada. O Jalapão é distante e o deslocamento é caro. O cerrado mineiro poderia representar uma alternativa à dificuldade do percurso e também ao investimento econômico. Assim, seguindo certa racionalidade, visitei as cidades e paisagens mineiras localizadas na Serra do Espinhaço: Serra do Cipó, Conceição do Mato Dentro, Serro, Milho Verde, São Gonçalo do Rio das Pedras e Diamantina. Entre estas cidades, encontrei em São Gonçalo do Rio das Pedras uma pequena produção de objetos em capim dourado, pois a *Syngonanthus nitens*, nome científico, é uma planta endêmica do cerrado, encontrada em outras regiões do bioma, e, portanto, facilitaria a pesquisa poética.

A princípio, não era claro que o encantamento não estava nos objetos de capim dourado, entretanto a haste verde do capim coletado antes do seu amadurecimento e, conseqüentemente, um objeto esverdeado e não dourado, fez com que o Jalapão não fosse substituído pelo Jequitinhonha e por São Gonçalo do Rio das Pedras, especificamente.

O cerrado mineiro também tem suas belezas: vegetação rasteira, poucos arbustos e muitas pedras. As montanhas são baixas e o horizonte é próximo. Exibe outra conformação natural. A beleza também reside ali, mas a paisagem não promoveu aquele encantamento, aquela viagem profunda tão desejada. E o silêncio tão marcante do cerrado não estava lá. Não encontrei uma paisagem que solicitava uma atitude contemplativa, mas um movimento contínuo. O Jalapão já fazia parte do imaginário e da memória estético-afetiva.

A segunda viagem – a **Viagem do Desenvolvimento**, como denominei, aconteceu entre os meses de dezembro de 2009 e janeiro de 2010. Entretanto, esta viagem começou com a escrita do projeto de pesquisa, com a definição bibliográfica, com a edição das primeiras fotografias a partir da produção realizada em julho de 2006, entre outras ações importantes para o planejamento e deslocamento.

Nessa segunda viagem, adentrei a estrada sem música a bordo e desta forma pude ouvir e sentir o som do Jalapão, bem como sentir o seu odor, o cheiro do cerrado. Mesmo com o contratempo já relatado, a busca se definiu através da experiência do sublime. Contemplação e sublime parecem estar juntos. A contemplação como atitude e o sublime como sensação, quase um êxtase diante da paisagem natural. Para Jean-Marc Besse (2006), a paisagem está para o sentimento, enquanto a percepção está para a geografia. A paisagem detona uma relação dinâmica entre o homem e a natureza. O elemento paisagem é vivo, portanto natureza e cultura são quase os extremos de uma mesma linha. Se rompido o elo que os une, o horizonte deixa de existir, porque horizonte é a expectativa diante do presente e do futuro, do que é e do que está por vir. Para a geografia, a percepção é quase e somente espacial, o concreto, o que está diante do olho.

Nessa direção, outro elemento tão importante se impôs: a estrada. A estrada é o percurso, é a ligação entre um ponto e outro, entre uma cidade e outra, e é nesta direção que a paisagem aparece e se revela. A estrada também conta com o tempo enquanto essência para ver, perceber, assimilar, elaborar e exhibir. Não nesta ordem, porque a poética não tem uma receita, uma organização exata e precisa, ao contrário, o caos enquanto algo desordenado, não linear e oposto ao método cartesiano faz parte de seu desenvolvimento.

Tristes Trópicos (1981) de Claude Lévi-Strauss (1908/2009) e Grande Sertão: Veredas (1982) de João Guimarães Rosa (1908/67) nunca fizeram tanto sentido: as literaturas apresentaram um caminho possível – a experiência do cerrado no Jalapão. Se Lévi-Strauss narra sua viagem ao interior do Brasil para encontrar algumas etnias indígenas, Guimarães Rosa tece um romance a partir do homem sertanejo; o deslocamento, a viagem em ambos é fundamental para a experiência, para a construção do conhecimento, do encontro do “outro”, de outra cultura. E é através da diferença que o homem se conhece, o oposto desvela a sua própria identidade.

Uma questão se colocou: certo paralelismo entre o caderno de campo de um etnógrafo/antropólogo e o caderno de artista de um artista/pesquisador, especificamente, fotógrafa. Qual é a função de um caderno de campo na pesquisa em Antropologia? Qual é a função de um caderno de artista no desenvolvimento de uma poética? A Antropologia busca a construção de um conhecimento a partir dos indivíduos inseridos em um contexto cultural; tem a ciência enquanto norte do trabalho, enquanto o artista busca a construção de uma poética conduzida pelos sentidos. Portanto o conhecimento sensível costura o trabalho. Ambos os cadernos são estratégias e ferramentas para a construção dos conhecimentos científico e sensível, respectivamente. Aqui a Arte toca na Antropologia, especificamente, a Etnografia, e se complementam.

Escolher o Jalapão enquanto lugar de criação poética foi uma decisão com essência antropológica, portanto não posso excluir e eliminar uma formação sedimentada ao longo dos anos. O interesse e a opção pela Arte apontam a presença de um campo do conhecimento humano rico em possibilidades e alternativas para a compreensão e expressão visual. Antropologia e Arte são aqui duas áreas que se somam: a observação está presente nas duas abordagens; o método antropológico de pesquisa – a observação participante e informante – pode contribuir com o processo de criação poética. A Antropologia apresenta a poética da pesquisa e a Arte apresenta a poética visual. O fato é “... *nunca me senti tão antropóloga em campo de pesquisa como nesta segunda viagem*”; e a Arte “... *nunca foi tão necessária* ...”¹.

1. Anotações dos cadernos de pesquisas/2010.

Conhecer *in loco* as pessoas que moram em Mateiros do Jalapão e na Comunidade da Mumbuca foi extremamente enriquecedor: Ana Cláudia, a informante; Dna. Rosa, a conselheira; Cassiana, a bióloga do Parque Estadual do Jalapão/PEJ; e Dna. Oneide, a amiga de Ponte Alta do Tocantins. Cada uma delas apresentou uma parte daquele universo. E cada uma dessas partes forma um mapa – uma cartografia a partir das conversas - que compõe o Jalapão.

A Viagem do Desenvolvimento, de fato, inseriu-me no campo de pesquisa – a experiência estética se afirmou como direção e a estrada como laboratório poético. Deixei a periferia do trabalho para mergulhar profundamente no interior do cerrado e no meu próprio interior, mesmo que ainda de forma pouco consciente. Metaforicamente, a coluna cervical deste trabalho se construiu, nesta fase, através de três marcos: a viagem/o deslocamento, a essência antropológica (metodologia de conhecimento cultural), e a poética como construção visual através da fotografia digital.

Fotografias digitais, desenhos, tentativas com a gravura, esboços pictóricos, anotações e filmes (registros de imagens em movimentos/pequenos frames) apresentaram caminhos poéticos, contudo acabei por eleger apenas as fotografias digitais e as anotações. Cada um destes fazeres poéticos tem territórios definidos e exigem olhares diferentes. O meu território sempre foi a fotografia, por mais que eu queira estender tentáculos para outros universos artísticos. Nesta pesquisa, a fotografia digital e o relato acabaram por desenhar o trabalho final.

O retorno da Viagem do Desenvolvimento e a organização do material fotográfico produzido e das anotações escritas também recuperaram uma memória da infância e da adolescência sedimentadas por algumas décadas.

Em Gilles Deleuze (1997), a criança constrói um mapa do mundo a partir dos afetos e dos trajetos familiares. Contudo este mapa não é estanque, é dinâmico e tende a aparecer em diferentes fases da vida e, especialmente, em trabalhos autorais. Com este norte, constatei que a escolha pelo Jalapão se revelava como uma tentativa inconsciente de recuperar um complexo imaginário que estivera adormecido, mas que agora tinha espaço para emergir do sono profundo.

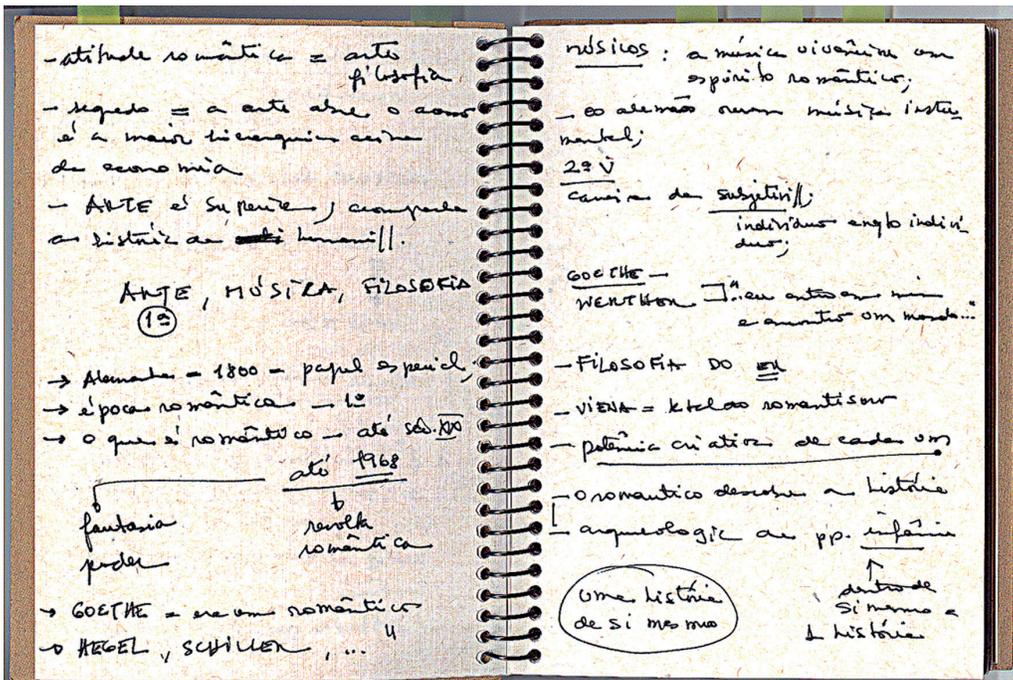
Na infância, convivi com inúmeras histórias familiares que rememoravam a saga dos

parentes através das viagens entre terras estrangeiras e nacionais. Como neta de imigrantes e migrantes, vivi cada história como se fosse minha. Na ausência das minhas próprias histórias, as dos meus avôs eram imaginadas e reconstruídas por mim. Neste processo de reconstrução participava intensamente de cada detalhe, cada palavra, cada paisagem, cada estrada, citados por eles. A minha imaginação era muito maior do que eles poderiam pensar. Contudo, os meus questionamentos nunca foram compartilhados. As histórias eram contadas como monólogos, portanto não cabiam muitas perguntas: apenas ouvia, observava, pensava e as guardava no arquivo da memória. Neste caminho, tomei gosto pelas viagens, porque sempre representavam ir para outro lugar e preferencialmente lugares desconhecidos. Portanto, estar na estrada, que poderia ser um navio, um barco, um ônibus, um caminhão, a cavalo, um carro, significava: ir, sair, chegar e transformar. A partir daqui, elaborei mentalmente um mapa de localização, não só familiar, mas, essencialmente, do meu lugar no mundo. Crescer tinha um sentido de criar as próprias histórias e, portanto, estar na estrada tornou-se essencial e fundamental na vida.

“... de um mapa a outro, não se trata da busca de uma origem, mas de uma avaliação dos deslocamentos. Cada mapa é uma redistribuição de impasses e aberturas, de limiares e clausuras, ...” (DELEUZE, 1997, p. 75).

Além de Deleuze, Manoel de Barros (2009), poeta brasileiro, também diz sobre a infância. Para ele, a infância é um “esticador de horizontes”, como se nesta fase, o homem encontrasse o material bruto de trabalho para toda a sua vida. A infância é como um cofre onde se depositam inúmeras histórias, sensações, encontros, descobertas, pessoas, decepções, que farão parte da trajetória humana.

Portanto, podemos encontrar muito material criativo na infância. Mas acrescento mais uma fase que é tão importante quanto a primeira: a adolescência. A adolescência é a fase mais visceral: se vive tudo intensamente como se esse tudo fosse acabar ontem. Neste contexto, construí alguns sonhos, reconheci uns desejos e determinei outros projetos. A decisão pela fotografia reside na adolescência. A decisão pela antropologia também. Fotografia e Antropologia pareceram uma costura perfeita, uma complementação justa, um encontro preciso.



músicos: a música vivencia um
espírito romântico;

- os alemães eram músicos íntimos
nobres;

2ª V
causa de subjetivismo;
indivíduos em indivíduos;

GOETHE -
WERTHER - "Seu amor me
é maior em morte..."

- FILOSOFIA DO EU

- VIENA = cidade romântica

- potência criativa de cada um

- o romântico descobre a história
- arqueologia de pp. infâncias

Uma história
de si mesmo

↑
antes de
si mesmo e
a história

Anotações de Caderno de Pesquisa, 2010.

Portanto, infância e adolescência são tempos construídos e reconstruídos nas diferentes etapas da vida.

E onde está o romantismo? Está no desejo por transformar, mudar, subverter a ordem, encontrar alternativas de vida, tecer outras expectativas, enfim, apostar no crescimento humano para além das conquistas materiais. No Brasil, os anos 60, 70 e 80, quando fui criança e adolescente, foram marcados por desejos latentes de mudanças sociais e políticas, e enquanto estudante fui influenciada por ideias revolucionárias que desenhavam outra sociedade.

O que é ser romântico? É ter uma atitude e uma mentalidade romântica. Neste fio condutor, a arte abre acesso a outras formas de saber. Portanto, a arte também é romântica, pelo menos tem uma forte dose de romantismo. Em Werther (1774) de Goethe (1749/1832), “*eu entro em mim e encontro um mundo*”². O romantismo traz um sentimento oceânico o que simbolicamente faz o romântico mergulhar profundamente nas suas próprias histórias.

“O espírito romântico sente toda a força da vida naquilo que ela tem de mais intuitivo e singular. O espírito romântico, como regra geral, não extrai normas e leis, não elabora argumentos e abstrações. Está vinculado ao que há de mais vivido e inclusive, o que parece um pouco paradoxal à primeira vista, àquilo que está mais afastado do curso normal da vida, da vida rotineira. Nesse aspecto, o espírito romântico é o próprio espírito da aventura. Não há nada mais romântico que a aventura, aquilo que sai da vida em si e a contradiz ao mesmo tempo em que não poderia ser mais vida do que isso. Em outras palavras, quanto mais toco no nervo exposto da vida, e mais me aprofundo no sentido do que é estar vivo aqui e agora, mais saio da vida corrente. A vida contra a vida: esse o sentido nuclear do espírito romântico” (COELHO, 2010, p. 13).

O romântico tem um espírito aventureiro. O fotógrafo tem um espírito aventureiro. O romântico deseja o distante. O fotógrafo quer ir até lá - o mais longe possível. Portanto, o fotógrafo é um romântico por natureza.

Em 1987, realizei a primeira viagem fotográfica em trabalho profissional. Fui ao Sudoeste do Paraná registrar o crescimento da monocultura em detrimento da dissolução das pequenas propriedades. Foi um trabalho ideal: viajar, fotografar, conhecer e ganhar. A estrada apareceu como protagonista: asfaltada, de mão dupla que cortava a lavoura, as nuvens, a árvore solitária de um lado e uma placa de sinalização de outro, a iluminação perfeita. Fiz o registro porque os elementos apresentavam uma composição harmoniosa. Naquela ocasião, a cor não interessava, fotografava em preto e branco, o contraste enquanto escala de branco, de cinza e de preto era trabalhado.

Não poderia imaginar que aquela fotografia tinha um significado muito maior: não era só uma imagem bonita, era muito mais do isso, era praticamente uma revelação, um elo entre a adolescência e a primeira fase da vida adulta. Certa vez, uma colega jornalista disse: “... você colocou esta foto aí, acima da sua mesa do escritório, porque você está na estrada, na estrada da vida ...”³. Nunca mais me esqueci do comentário. Ficou na minha memória. Não estava muito claro, mas fez algum sentido.

Apartir da Viagem do Desenvolvimento, passei a organizar os materiais estudados e coletados para a pesquisa poética visual e aquela fotografia apontou o norte do trabalho: mostrou o quanto a estrada se fez presente na minha história, o quanto o percurso de vida de cada um é desenhado segundo uma lembrança que está escondida e que de vez em quando se apresenta. Às vezes, temos consciência e muitas outras vezes não, mas em algum momento fará algum sentido.

A Viagem do Desenvolvimento marcou a mudança do objeto de pesquisa: não mais o capim dourado, a manufatura do objeto e a mulher como transformadora da matéria, mas a estrada, a paisagem e o capim – a estrada como percurso, a paisagem como detonadora da contemplação e da sensação do sublime, e o capim como elemento constitutivo da paisagem. Desta forma, Estrada, Paisagem e Capim nasceu na segunda viagem e desvendou o que estava sedimentado na memória.

3 Anotações dos cadernos de pesquisas/2010.

A terceira viagem – a **Viagem do Aprofundamento** – ocorreu no mês de outubro de 2010. Este deslocamento foi o menor de todos: apenas uma semana. O objetivo era fotografar os campos de capim dourado. Contudo, no segundo semestre daquele ano, o Jalapão viveu um dos maiores incêndios dos últimos tempos. O verão que se estende de abril a setembro experimentou uma das maiores secas. O cerrado estava praticamente queimado. Ao contrário do que se pensa, apesar da seca natural, os incêndios não foram causados naturalmente: mais de noventa por cento foram oriundos da ação do homem através dos procedimentos do manejo do solo.

Esta viagem foi cercada por dúvidas. Até o último instante, o embarque no aeroporto, não tinha certeza se deveria ir ou não. Os contatos já estavam realizados, mas não sabia se conseguiria chegar a Mateiros do Jalapão, uma vez que a cidade estava literalmente incomunicável. Além disso, empreender uma viagem até lá para apenas uma semana, não fazia muito sentido.

A população local começa a coletar o capim dourado nos campos úmidos e nas veredas antes da primeira chuva que acontece por volta da terceira semana de setembro. Entretanto, por circunstância do calendário universitário e participação em um congresso internacional, não poderia estar nesta data. Não sabia se em outubro ainda encontraria o capim dourado nos campos. E ainda não sabia se chegaria até Mateiros do Jalapão, uma vez que a TO-255 estava intransitável por conta da seca. A rodovia estadual estava tomada pela areia fina, buracos, fendas no solo, enfim a estrada impedia qualquer movimentação.

Apesar das circunstâncias, pensei na possibilidade de fotografar algum campo úmido próximo a Ponte Alta do Tocantins, a cidade considerada o portal do Jalapão. Com esta ideia, planejei a viagem, contatei o Parque Estadual do Jalapão/PEJ e a Pousada do Coelho para a minha permanência tanto naquela cidade quanto na sede do PEJ.

A hesitação em viajar naquela data foi consolada com a ideia de que a Arte é também o espaço da dúvida. O lugar de menor solução e maior incerteza, portanto, existia, tanto quanto a possibilidade de conseguir realizar o trabalho fotográfico plenamente, ou não, e nesta circunstância poderia encontrar um tempo para refletir sobre a pesquisa em campo de trabalho até ali realizada. A impossibilidade em fotografar também poderia tornar-se material para a pesquisa poética.



Sudoeste do Estado do Paraná, 1987.

Nesta ocasião, lembrei-me dos viajantes, naturalistas e aventureiros que desde sempre deixaram suas terras para embarcarem em viagens pouco seguras. Eles não tinham nenhum comprovante de segurança e tampouco de sucesso quando empreenderam as viagens que marcaram o período entre os séculos XV e XIX no mundo ocidental, sem mencionar os trajetos realizados anteriormente. O inesperado, aquilo que estava mais para o acaso, a surpresa, era o elemento principal e detonador da criatividade naqueles tempos.

O filósofo brasileiro Sérgio Cardoso escreveu que “... homens inquietos – curiosos ou insatisfeitos – aos quais o ponto cego do horizonte obseda, constantemente fustiga e desafia. Desdenham o homogêneo e o contínuo, e mostram-se extremamente sensíveis às diferenças e atentos aos limites. A cada ponto divisam algo adiante, em cada plano outro lado; e por toda parte medem distâncias, pois tudo duplicam em cá e lá. Sua compleição e disposição de geógrafos – seduzidos que são pelos elementos da topologia – quase sempre os impelem para o espaço aberto, e os levam a afrontar montanhas e areias, obstáculos e vazios. Assim, dificilmente param em casa (se chegam a ter uma); e sua atração pelas fronteiras parece torná-los, quase inevitavelmente viajantes” (CARDOSO, 1988, p. 352).

Naquele instante, a figura do viajante me confortou e me fez refletir sobre a relação intrínseca entre a estrada, a viagem e os próprios viajantes. Portanto, estrada, viagem e viajante estão unidos e interligados por um só desejo: a experimentação; e neste trabalho a experiência estética no cerrado jalapoeiro.

Cada viagem é tão singular para a própria ação da viagem – o viajar, como para o viajante. A estrada, desta forma, é o espaço de trânsito, de deslocamento, para a viagem e de imaginação para o viajante. A estrada é o espaço de um filme imaginário de caráter externo e interno: o primeiro, porque toda estrada oferece um tipo de paisagem, às vezes natural, outras vezes urbana, ou ainda insólita; nesta pesquisa poética visual é a natureza quem comanda a nossa imaginação e sensações próprias ao Jalapão; e interna, porque enquanto singular cada estrada proporciona um deslocamento na memória de cada viajante, funciona como uma espécie de estímulo às histórias sedimentadas nas estruturas do inconsciente. Portanto, toda viagem é uma experiência solitária.

Existem determinadas estradas que permitem mais intensamente uma sensação de solidão. Não uma solidão sofrida, mas uma viagem interna e consentida pelo sujeito da ação, pelo viajante. O cerrado jalapoeiro é uma destas paisagens que impõe uma viagem solitária. Tal paisagem além da solidão demandada, o sublime – a magnitude da paisagem, enquanto sensação da visualidade - também está presente e requer uma atitude contemplativa.

De longe, o Jalapão é um lugar inóspito. É um desses rincões que parecem não dar lugar para a vida humana. A descoberta é lenta e processual. Aos poucos revela certa humanidade, se faz familiar e acolhe, tudo é devagar, o tempo é marcado por outro ritmo - o da natureza.

Nesse sentido, a estrada também revela outro caráter: o humano. A estrada é o percurso de movimento de uma dinâmica dos homens. Por ela, os viajantes caminham e encontram pessoas que há muito tempo resolveram se estabelecer por lá, por exemplo, no Jalapão. Passar e não cumprimentá-las é negar o caráter humano. O ato de cumprimentar – um simples gesto de mão, mesmo que distante – é fundamental, pois a saudação confere o “*status*” de homem, a categoria de humanidade.

Portanto, a Viagem do Aprofundamento marcou o encontro com a estrada, como metáfora da memória e também como um campo de trabalho, quase um ateliê a céu aberto, como percurso para o exercício poético.

Nesta terceira viagem, encontrei apenas um campo de capim dourado na periferia da cidade de Ponte Alta do Tocantins. Só consegui chegar entre a segunda e a terceira chuva, o que significou encontrar as hastes de capim dourado já escuras, ou pelo menos, no processo de escurecimento que começa logo após a primeira chuva. Além disso, os coletores de capim já tinham visitado quase todos os campos úmidos. Nesta busca, passei por várias áreas queimadas e percebi que ali residia o foco daquela viagem: o fogo, a terra quente, as árvores e folhas torradas, enfim um cenário cinzento.

A minha estada em Ponte Alta foi marcada por fotografar áreas queimadas e devastadas por incêndios oriundos dos manejos dos solos. E por esperar algum carro que me levasse a Mateiros do Jalapão.

“... a paisagem jalapoeira tem muito acento, tem personalidade, é forte, é incisiva, é delicada, é suave, é feminina ,,,”⁴.

Nessa viagem, o cerrado se apresentou como um ser vivo que sofrera uma ação violenta. Contudo, ainda pude encontrar alguma resistência naqueles solos febris. Caminhando pela terra, mesmo calçada, pude sentir a alta temperatura e o calor emitido não só da superfície, mas também do seu interior. A sensação era de angústia e tristeza. A vontade era de parar de fotografar e ir embora. É praticamente impossível ficar no interior de uma queimada, mesmo com o término do fogo, por muito tempo. A terra, segundo os biólogos, após a terceira queimada parece morrer, a reconstituição é um processo longo e difícil.

Apesar da impressão de dor, pude notar a presença de alguma vida em meio à devastação: alguns brotos de plantas despontavam nos solos queimados. A resistência do cerrado era visível, mesmo com a superfície da terra coberta por cinzas, era possível observar pequenas hastes e folhinhas verdes no chão. Posteriormente, fui informada de que os brotinhos são a comida preferida do gado e que nascem após aproximadamente duas semanas depois das queimadas.

A ideia de que a distância não existe – Longe é um lugar que não existe (1976), romance de Richard Bach (1936) que marcou uma geração nos anos 80 – literalmente é equivocada: ela não só existe como pode representar um momento infeliz. Contudo, pode servir como reflexão e exercício de conhecimento.

Depois de longos quatro dias, finalmente, consegui ir a Mateiros.

Como o esperado, a estrada se apresentou como uma provação: difícil e esburacada.

Conseguir chegar, mas conseguiria sair? Ir e voltar faz parte de uma mesma viagem.

4 Anotações dos cadernos de pesquisas/2010.

“Quem gosta de viajar goza das melhores e mais suaves das sensações: além do sabor, tem também a consciência do efêmero de todas as alegrias. Não perde tempo a procurar o que perdeu. Nem pretende lançar raízes em cada lugar onde, um dia, se sentiu bem” (HESSE, 1980, p. 178).

Além das fotografias dos campos úmidos, a Viagem de Aprofundamento também indicava outra etapa do trabalho: a identificação das imagens editadas e produzidas nas viagens anteriores. O exame de qualificação (primeiro semestre de 2010) marcou a primeira grande organização do material imagético e das anotações realizadas. Este corte foi fundamental para entender as fotografias e enxergar as diversas direções apontadas.

Ainda nessa viagem pude sentir, além do silêncio do próprio cerrado, a solidão do Fervedouro. Aquele poço de água e seu entorno líquido representou um oásis no meio da devastação. E, além disso, um momento de contato estreito com a essência poética, uma sensação quase espiritual e intuitiva, e, talvez, necessária ao trabalho em artes.

Não tive anteriormente a oportunidade de estar sozinha naquele Fervedouro. Já havia sentido o potencial do lugar para a realização de um trabalho fotográfico com uma fatura diferenciada: não me interessava o registro documental do espaço, mas imagens que revelassem minuciosamente – diferentes detalhes – cada parte que o compõe. Como fragmentos que desvelam para além do aparente e superficial. Procurava ali uma essência. Aliás, o aparente não interessava naquele momento. Tinha consciência de que o trabalho pedia outro tipo de fotografia. Ele já havia apontado outra direção plástica. Assim, tomei o Fervedouro como espaço de criação e descobri os elementos como peças vivas que indicam caminhos e possibilidades.

A permanência em Mateiros na Viagem do Aprofundamento foi rápida; no mesmo ritmo saí. Tratei de arranjar uma carona o mais breve possível. Do contrário, não conseguiria pegar o avião na data marcada.

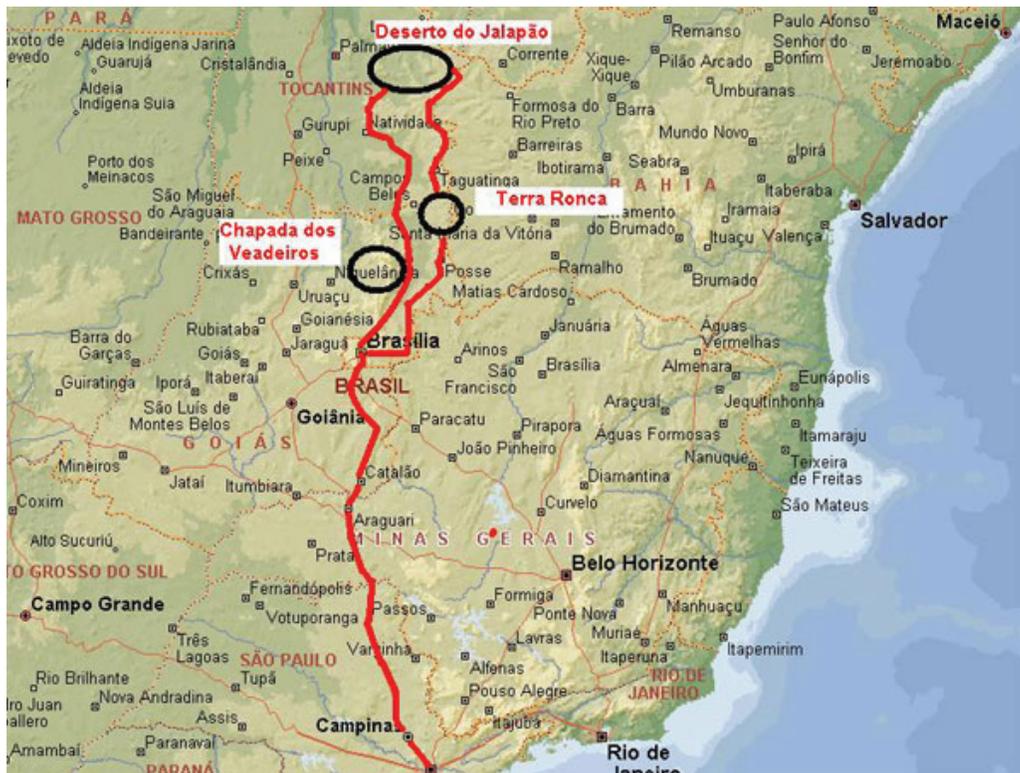
Nessa viagem vivi um sonho intercalado por momentos de pesadelos e por um de contentamento.

A quarta e última – a **Viagem do Refinamento** – aconteceu em janeiro de 2011. Esta viagem não estava no cronograma inicial. A ideia começou a se esboçar logo após o terceiro deslocamento, pois percebi que ainda faltava algo, não estava certa de que já tinha o material para a finalização do trabalho poético. De fato, a pesquisa apresentava sinais para um possível fechamento, pelo menos desta fase: o doutorado. De qualquer forma, passei a intuir sua realização por volta de novembro, com dois meses de antecedência.

De todas as viagens, a Viagem do Refinamento foi construída a partir de uma dificuldade real: a distância entre a cidade de São Paulo e Mateiros do Jalapão que conta com aproximadamente 2.500 km. A proposta era dirigir até lá. A viagem só teria sentido se fosse realizada por terra. O interesse era sentir a estrada de fato e não apenas a TO-255, a rodovia estadual que corta o cerrado. A intenção era sentir o distanciamento como um elemento da construção poética. Contudo, algumas questões práticas foram colocadas: primeiro, não sou uma motorista de longa distância; segundo, não tenho um carro off-road; terceiro, ir sozinha? Diante destas indagações, o que resolver?

A ideia da viagem como lugar de criação poética e experiência estética foi mais persistente do que todas as dúvidas colocadas. A concretude do deslocamento era real e este dado me fascinava. Como das duas últimas viagens, contatei os profissionais do Parque Estadual do Jalapão, especialmente, Cassiana Solange Moreira, a bióloga, na possibilidade de contar com alguém de Mateiros para fazer a viagem comigo. Não necessariamente de São Paulo, mas pelo menos no Estado do Tocantins. E a presença de alguém no percurso da TO-255 era fundamental. Por mais que desejasse a experiência, não poderia adentrar o cerrado sozinha. Neste momento, constatei que a minha coragem não era suficiente para tal empreitada.

Finalmente, depois de muitas mensagens eletrônicas e ligações telefônicas, consegui estruturar a viagem não só logisticamente, mas especialmente, poderia contar com Delmar Camilo Soares, poeta e escritor, residente em Mateiros e também com Cassiana Solange Moreira, a bióloga, no longo percurso que se desenhava. Estas companhias foram fundamentais na realização da viagem e, principalmente, como apoios diante de qualquer emergência, dificuldade e surpresa indesejável.



Mapa ilustrativo do Percurso entre São Paulo/SP e Jalapão/TO.

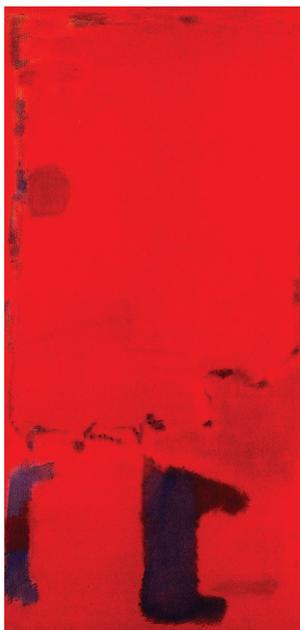
A viagem de São Paulo a Mateiros do Jalapão levou quatro dias e meio, quase cinco conforme o programado. Diante das dúvidas e dos medos apresentados, posso considerá-la uma viagem bem sucedida: nenhum problema com a mecânica do automóvel, nenhum acidente, apenas duas rodas entortadas, três calotas e a placa do carro perdidos ao cruzar um rio, o protetor do cárter amassado, nenhum tipo de coação, nenhuma dificuldade com as estradas, além do que é previsível, nem da chuva que se manteve até a Chapada dos Veadeiros no norte do Estado de Goiás, o sol só apareceu no Tocantins, e todos nós comemoramos. Enfim, conseguimos chegar a Mateiros sem nenhum “arranhão profundo”.

Apesar do sucesso da viagem, das companhias, me mantive apreensiva durante o percurso até Ponte Alta do Tocantins, o trabalho poético não fruiu da forma com que esperava. Tenho a impressão de que precisava de mais tempo na própria estrada, certo alargamento, para dar vazão ao instante criativo tão desejado. Praticamente o que valeu nesta etapa foram o próprio deslocamento e a experiência da paisagem, contudo poucas imagens foram produzidas.

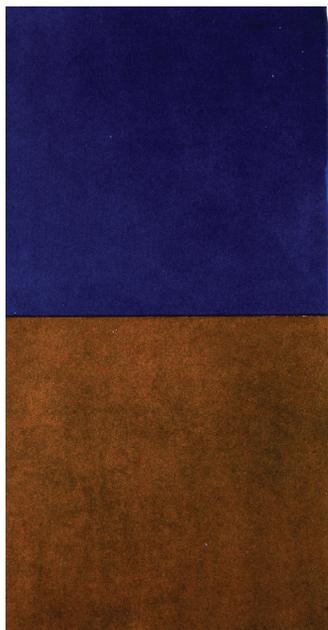
A Viagem do Refinamento representou um grande desafio: o reconhecimento dos limites e da necessidade de compartilhar. Podemos ir além do esforço delimitado pelo corpo físico? Qual é o sentido de uma experiência se não temos com quem partilhá-la? Na obra cinematográfica “Na Natureza Selvagem” (2007), o protagonista chega à conclusão de que “*a felicidade só existe se é compartilhada*”. O homem em certa medida busca o desafio, tem atração pelo risco que faz parte da sua essência, e precisa lidar com os seus medos, justamente para se conhecer. Desta forma, essa viagem, a intuição desse refinamento, representou a finalização de uma busca, de uma procura que partiu de um encantamento pela paisagem para a descoberta de um “dever”, um retorno à memória e às coisas do esquecimento; e o reconhecimento do medo como significado de um lugar de passagem (praticamente o que se desconhece) que anteriormente não havia sentido.

O processo de fruição só ocorreu quando adentrei a TO-255 que corta o cerrado e alcança a cidade de Mateiros. Neste percurso, finalmente pude respeitar o meu tempo, sentir a respiração e abrir espaço para a criação. A pesquisa se objetivava a partir da própria viagem, ir e vir, os registros fotográficos como resultado do percurso poético, e o reconhecimento do projeto como um trabalho processual, como um “work in process”.

Referências Visuais



Rothko, s/t, 1949⁵



Schendel, da série Ching,
déc. 70⁶



Twombly, Flowers I, Gaeta, 2005⁷

5 CLEARWATER, 2008, p. 99.
6 DIAS, 2009, p. 152.
7 TWOMBLY, 2008, Plate 70.

A deriva enquanto caminhada não existe no Jalapão. O território não permite a movimentação física dos homens. É quase impossível com aquela temperatura e o calor intensos. E os animais podem representar uma ameaça. A arte de flamar, se transportarmos o hábito cultural francês para o interior do cerrado, não é indicada. O melhor é ter um meio de locomoção: um cavalo ou um carro.

Cortei o cerrado jalapoeiro e parei inúmeras vezes para fotografar, e fazer anotações de pensamentos que ocorriam como *flashes*:

- *A estrada representa um deslocamento e ao mesmo tempo uma oposição: o conhecido e o desconhecido;*
- *O encantamento inicial é fruto do desconhecido e da curiosidade em conhecer;*
- *A distância não existe? Longe é mesmo o lugar que não existe?*
- *O desejo de “sair por aí sem destino”;*
- *O cerrado como um mar de imensidão; como uma viagem interna; um percurso desencadeado por uma sensação de “solidão reflexiva” (SUBIRATS, 1986);*
- *A natureza – a paisagem – como revisão da própria história;*
- *As montanhas como obstáculos no horizonte ou outro desenho para o horizonte;*
- *O silêncio como ruído; o barulho do silêncio; a inexistência do silêncio;*
- *A sensação do nada; do vazio;*
- *O tempo do relógio, da intensidade da luz natural, do velocímetro que indica os quilômetros percorridos;*
- *A temperatura e a cor são duas marcas do cerrado: o calor e o colorido; os tons quentes estão presentes em toda a extensão daquele oceano;*
- *O cerrado como lugar para pensar o mundo e a construção desse mundo;*
- *A estrada como lugar do pensar/refletir e fazer/criar;*

Levei praticamente um dia para percorrer 173 km. No final da tarde daquela quinta-feira, o cansaço estava presente: podia senti-lo no corpo e nos olhos. Felizmente, o reflexo não estava adormecido, o que impediu uma picada de uma jararaca no banheiro. Já tinha tomado banho no brejo ouvindo a sinfonia dos sapos à noite, mas a presença de uma cobra venenosa foi a primeira vez.

O Jalapão deixou de ser apenas o lugar de pesquisa, onde o estudioso tradicionalmente coleta informação e analisa posteriormente para tornar-se o espaço da criação como um *atelier* de artista. A estrada, a viagem e o capim foram tratados como elementos de reflexão e de fazer artístico. Em Mateiros, refiz algumas edições, organizei alguns arquivos digitais, registrei outras fotografias, construí uma primeira narrativa a partir das “coleções de imagens” e, especialmente, dos conteúdos visuais aliados à experiência e à percepção do cerrado, afinal contava com quatro viagens singulares.

As referências visuais – as influências dos artistas – não estavam apenas no território delimitado pela fotografia, contei também com obras pictóricas no decorrer do processo de criação. A pintura de Mark Rothko (1903/70) e Mira Schendel (1919/88), bem como as fotografias do pintor Cy Twombly (1928) foram referências para as imagens desenvolvidas no Jalapão. Como a cor é um elemento visual e informação preponderante no cerrado, busquei influências em outros campos da arte.

“A cor e a pintura como arte da cor dão aos homens o mundo em sua verdade sensível e vivente. Na cor encontra-se o que a geometria não alcança, a carne do mundo, que é o lugar mesmo da manifestação da sua essência” (BESSE, 2006, p. 54).

A ideia era fugir da noção de “*table book*”, aquele tipo de livro fotográfico com belas imagens que decora as mesas das salas de visitas ou mesmo as fotografias de natureza e de animais que ressaltam a coragem dos seus autores ao estilo *National Geographic*. Apesar da fotografia digital como instrumental para construção imagética desta pesquisa, a pintura como obra da cor indicou uma possibilidade para a composição fotográfica.

Obras fotográficas tais como as fachadas das casas no interior do nordeste brasileiro de Anna Mariani (1935)⁸, as florestas fechadas de Thomas Struth (1954)⁹, as naturezas construídas de Caio Reiszewitz (1967)¹⁰ também foram referências para o projeto Estrada, Paisagem e Capim.

A ideia de “fotografia expandida”, uma fotografia que dialoga mais com outros territórios da arte, para além do seu lugar conquistado no século passado, foi tomada como norte do processo poético. Apesar disso, se analisarmos o material bruto encontraremos muitos registros que lembram certa documentação social – paisagens e retratos, os dois gêneros mais produzidos ao longo da história da fotografia. Um estilo fotográfico no qual o índice e o referente são marcas enquanto informação e conteúdo. Simultaneamente, encontraremos fotografias com tendências expressivas e abstratas.

Ao longo das últimas duas décadas, a fotografia analógica perdeu espaço para a digital. Essa fotografia digital representa uma alternativa tanto se considerarmos a economia do processo (o laboratorista digital é o próprio fotógrafo), quanto à contaminação dos rios e, conseqüentemente, da natureza. Vale lembrar que o procedimento de revelação de um filme fotográfico depende de substâncias químicas extremamente poluentes, além dos litros de água gastos na lavagem da película. E, ainda, reconhecer que esta pesquisa tem não só uma dimensão artística, mas também uma dimensão ambiental. Esses fatores foram preponderantes para a opção técnica da fotografia digital neste trabalho.

Busquei coerência quando optei pela fotografia digital – economia e natureza -, mas não só isso colaborou com esta proposição técnica: a própria imagem digital como expressão e possibilidade do fazer poético. A alternativa em registrar e ver o que fora realizado quase simultaneamente torna-se uma ferramenta de seleção e reflexão sobre o fazer.

8 Anna Mariani Pinturas e Platinbandas – Exposição – São Paulo: Instituto Moreira Salles, Junho/2010.
9 COTTON, 2004, p. 105.
10 REISEWITZ, 2010.



Anna Mariani, Pindoba, Bahia, 1983.

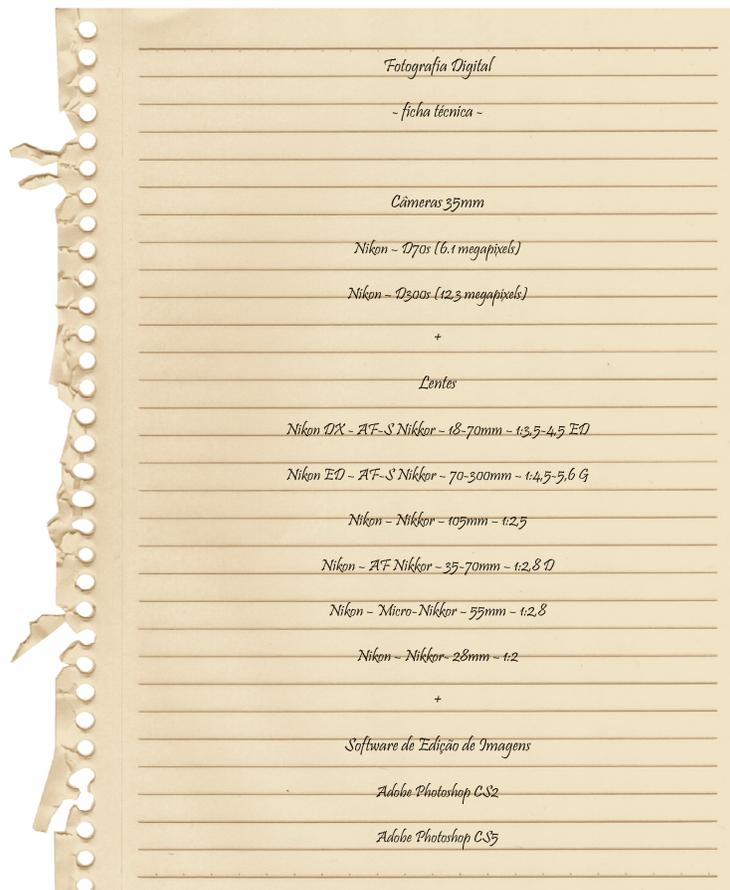
O fazer fotográfico na dimensão da construção poética realizou-se com as viagens, com as análises dos arquivos digitais, com as referências visuais e teóricas, com as conversas com a comunidade local, com os questionamentos e reflexões levantados, e, especialmente, com o contato com o cerrado e todas as viagens interiores que foram proporcionadas pelo Jalapão.

Uma pesquisa em arte representa uma busca pela expressividade – a partir da intuição, do instante, da percepção – e também uma investigação que conta com certa racionalidade – a razão também faz parte do processo. A soma do conhecimento sensível e do conhecimento racional edifica um saber que é próprio do território da arte. No processo da pesquisa poética – da busca, da investigação e da descoberta – identificamos os sentidos no e do fazer artístico. Arte também é conhecimento: da matéria ao objeto encontramos pensamentos, questionamentos, reflexões, elaborações, transformações, entre outros, que estruturam um processo poético. Portanto, a arte e o fazer são intrínsecos do trabalho processual.

Em Estrada, Paisagem e Capim, a fotografia é o processo e o resultado da obra. A partir do material fotográfico bruto e do descobrimento do Jalapão construí uma narrativa imagética, mas outras narrativas poderiam ser elaboradas. O trabalho em arte não se limita a um fechamento exclusivo, ao contrário, como um objeto polissêmico, permite uma infinidade de outras leituras e construções. O percurso desenhado contou com uma edição de imagens não linear, isto é, não seguiu o cronograma das viagens, ao contrário, a partir de cada deslocamento foram selecionadas fotografias que depois foram costurando um discurso elaborado no processo de desvelamento do cerrado jalapoeiro.

“A tarefa do pintor – escreve ele – não se funda na exposição fiel do ar, da água, dos rochedos e árvores, mas em tudo isso devem se refletir sua alma e seus sentimentos. Reconhecer o espírito da natureza, penetrar nele, assumi-lo e expressá-lo com todo o coração e com todo o ânimo, eis a tarefa da obra de arte”, segundo o pintor Caspar David Friedrich (SUBIRATS, 1986, p. 49)

A Viagem do Refinamento evidenciou uma busca por compreender o processo poético iniciado a partir do encantamento pelo Jalapão. Entender não só os registros fotográficos realizados



até então, mas especialmente o desencadeamento de sentimentos e de sensações localizados na memória, no lugar do esquecimento, e constatados no percurso do descobrimento e do fazer artístico no cerrado. A natureza foi tratada como espaço da criação e a intuição como matéria poética. Ambas apareceram na maior parte da pesquisa e nortearam reflexões intrínsecas ao processo poético.

O retorno da Viagem do Refinamento foi mais tranquilo do que a ida, mas continuei contando com o Mapão do Brasil¹¹.

As viagens – Encantamento, Desenvolvimento, Aprofundamento e Refinamento – marcam a construção do trabalho poético **Estrada, Paisagem e Capim – Fotografias e Relatos no Jalapão**. Os deslocamentos foram as quatro etapas realizadas entre os anos de 2006 e 2011. Cada uma delas contribuiu intensamente para o descobrimento e compreensão do bioma cerrado, e também para reconhecer que a arte pode tratar a natureza como matéria e discussão na sociedade e na arte contemporânea.

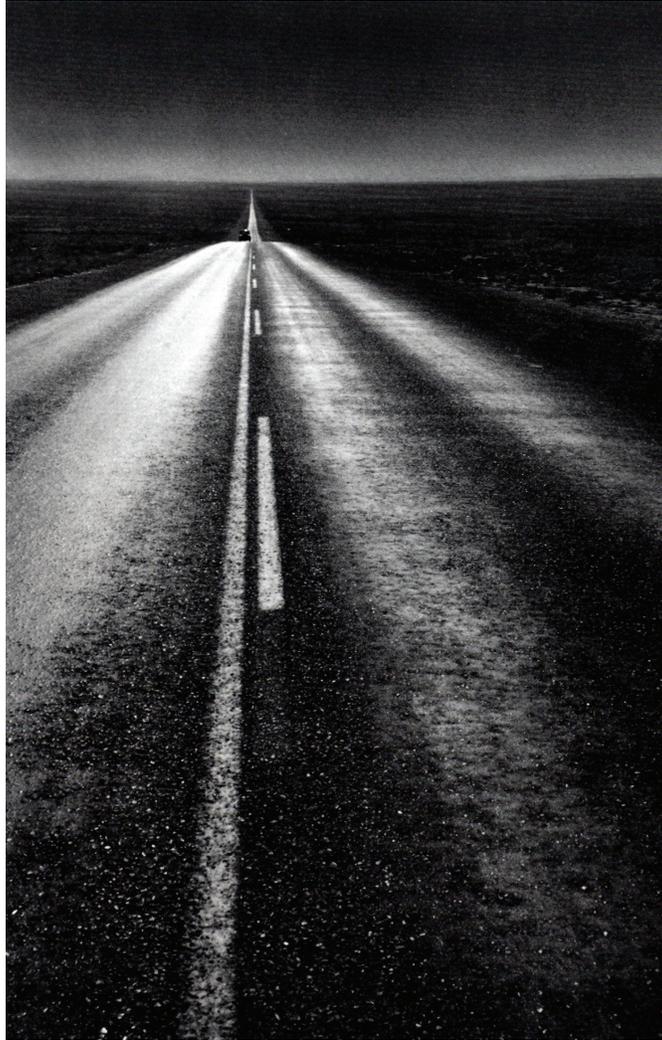
11 Mapão do Brasil 2010 – 6309 Destinos – As principais estradas do país; Polícia rodoviária; Pedágios; Postos de abastecimento; Quadro de distâncias. São Paulo: Abril/Guia Quatro Rodas, 2010.



2010

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“O homem moderno não pode penetrar no recinto da natureza, pois ele a coage e a destrói como sujeito racional, como identidade subjetiva da dominação”
(SUBIRATS, 1986, p. 67).*



U.S. 285, New Mexico, Robert Frank, anos 50.¹

1 FRANK, 1994, p. 81.

A fotografia de Robert Frank (1924) acompanhou imaginariamente parte das viagens realizadas ao Jalapão, especialmente quando a estrada se definiu como direção para os vários pensamentos e dúvidas que foram levantados ao longo do processo da pesquisa poética. A estrada como metáfora da passagem entre o que é e o que não é conhecido. Neste percurso, o encantamento se revelou como uma sensação entusiasmada pela paisagem e o cerrado, especificamente. O reconhecimento da contemplação, a partir da quietude e do silêncio, surgiu como uma necessidade de aprofundamento, não só no espaço externo como também internamente, como uma viagem de descobertas e redescobertas da memória e do esquecimento.

A fotografia, a imagem digital pontualmente, enquanto linguagem e expressão poética construiu uma narrativa a partir das diferentes etapas de desenvolvimento do processo que se desenhou ao longo das quatro viagens. De forma não linear, o livro de fotografias – Estrada, Paisagem e Capim – traz as imagens que revelam um deslocamento a partir de uma percepção em grande angular para um recorte fragmentado, um pequeno detalhe. As fotografias são acompanhadas de textos/relatos que também revelam a aproximação da artista/pesquisadora não só com a geografia do lugar pesquisado, mas com o universo humano presente no Jalapão. As pessoas, em certa medida, são co-autores do trabalho, uma vez que suas histórias e experiências foram relatadas e acabaram por direcionar a vivência no lugar.

As fotografias exibem uma estética documental – o registro do real, daquilo que está lá e aparece de forma íntegra (sem corte) – onde o índice se faz presente (ROUILLÉ, 2009), mas também mostra um conjunto de imagens que privilegia a não figuração, certa abstração a partir de um objeto real. Estas fotografias menos figurativas tocam no processo de construção poética onde a intuição, o instante e a percepção são elementos essenciais da visualidade e, portanto, do conhecimento sensível. Também marcam um deslocamento, certa fuga, da realidade que se impõe com muita força no Jalapão. Essa dinâmica caracteriza o movimento da própria história da fotografia ao longo do último século: um vai-e-vem entre o registro documental e a fotografia-expressão.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, alguns momentos se revelaram essenciais no processo do descobrimento e da construção poética: primeiro, a subida a Serra do Espírito Santo, onde a exuberância do cerrado e a dimensão do horizonte são marcas do encantamento, da beleza e da possibilidade de uma experiência estética no Jalapão; segundo, a caminhada na TO-255 – um trecho de dez quilômetros - da cidade de Mateiros em direção às Dunas, onde o corpo físico sentiu e sofreu a temperatura do cerrado; terceiro, a experiência em pisar em um solo queimado e sentir o calor do interior da terra, bem como observar a morte das diferentes espécies da flora; e quarto, o silêncio e o frescor do Fervedouro, quase uma compensação à angústia anterior, o contato com uma nascente de água, metaforicamente um oásis, presente na imensidão do cerrado. Foram momentos de contato com a essência poética. O trabalho ganhou fôlego e a fruição artística aconteceu naturalmente.

O trabalho fotográfico foi desenvolvido durante as quatro viagens – Encantamento, Desenvolvimento, Aprofundamento e Refinamento. Por volta de 5000 imagens fotográficas digitais compõem o material bruto. A partir de várias edições, foram selecionadas 170 fotos que estão na mídia DVD presente no final da obra. Cada viagem, cada descobrimento, o próprio aprofundamento no bioma cerrado, tanto visualmente quanto do contato com os moradores, pontuaram a seleção realizada e estruturam uma narrativa imagética que aponta não só o percurso da pesquisa, mas especialmente, o conhecimento objetivo e subjetivo proporcionados pelo Jalapão. O Livro de Fotografias – Estrada, Paisagem e Capim – traz 72 imagens dispostas em 63 pranchas. A maioria das imagens é colorida, a exceção de dois retratos, onde a informação cor foi subtraída para dar ênfase à fotografia preto e branco. Uma Exposição Fotográfica acompanha a finalização do trabalho poético e é composta por 23 imagens impressas quimicamente (projeção de arquivo digital sobre papel fotográfico fotossensível, mate, cor, revelação química, laminação fosca, adesivação sobre poliestireno, com dimensão de 50x70cm); além de dois álbuns digitais (porta-retratos eletrônicos), um com as 170 imagens editadas e outro com 117 fotografias registradas no Fervedouro. Ambos os trabalhos estão em loop, isto é, com visualização aleatória. A mídia DVD também foi exibida através de aparelho de data-show, CPU (Central Processing Unit/dispositivo para execução de software de visualização) e sistema de som para execução de trilha sonora. Foram expostas

também 7 imagens impressas em papel de algodão hahnemühle em vitrines colocadas no espaço expositivo.

A princípio, como já escrito, o capim dourado foi o elemento norteador da pesquisa, contudo, a partir da segunda viagem – Desenvolvimento -, a estrada tornou-se o elemento chave tanto na condução do trabalho quanto na imersão nas camadas internas que estruturam a subjetividade e remontam a memória da infância. A intenção não foi realizar um trabalho biográfico, em certa medida não é, porque existe uma pesquisa qualitativa com essência antropológica, especificamente etnográfica – o encontro com as pessoas e o Jalapão como lugar de trabalho; mas ao longo do processo, a expectativa inicial foi frustrada, e, assim, a estrada e a paisagem tornaram-se as protagonistas do trabalho artístico. Mesmo porque o encantamento foi detonado através do contato com o lugar, portanto estrada e paisagem foram reconhecidas como matérias substanciais para o trabalho poético. O capim é um objeto de pesquisa importante, mas é uma parte da paisagem, constitui-se como uma informação da própria paisagem, como uma das inúmeras espécies da flora, desde o capim gordura, por exemplo, alimento verde para o gado, como o capim dourado para a confecção do artesanato.

Os deslocamentos possibilitaram as experiências estéticas que foram pontuadas por conhecimentos objetivos do Jalapão e subjetivos a partir do contato com aquele universo e da forma com que repercutiram internamente. Os objetivos trazem um conjunto de informações que permitem conhecer o lugar e as pessoas; tais informações não estão reunidas e organizadas, estão dispersas e, especialmente, são encontradas nas histórias orais narradas pelos moradores da região e que fazem parte do imaginário coletivo do homem jalapoeiro. Por outro lado, os subjetivos dizem sobre os sentimentos e as sensações possíveis através da permanência e contato com o lugar. Nesse percurso houve um encantamento e uma sensação de prazer ao observar a paisagem bem como do reconhecimento da importância do ato contemplativo, o instante que solicita uma pausa no tempo, certa suspensão diante da linha do horizonte, da textura da vegetação e das cores do cerrado. Portanto, a percepção visual e a suspensão parecem fazer parte de um êxtase estético, isto é, a beleza encanta, enquanto a suspensão comove. Logo, o encantamento está para a superfície, a aparência, a forma, o momentâneo; e a suspensão, enquanto comoção, para a profundidade.

A Viagem do Encantamento marcou a presença da visualidade e a necessidade da contemplação diante da paisagem do Jalapão. Como escrito acima, esse entusiasmo está para a ordem da superfície e da forma, para o primeiro plano, contudo é necessário, uma vez que pode detonar um interesse transformador. As outras viagens delimitaram o desenvolvimento do fazer poético, do contato com o universo físico e humano do lugar, proporcionando, assim, certo aprofundamento em questões naturais e sociais específicas ao cerrado. Portanto, o Jalapão foi se revelando simultaneamente ao processo poético. À medida que a pesquisa poética avançava, maior o conhecimento sobre o lugar. Dessa forma, os arquivos fotográficos digitais – as fotografias – foram desvelando o universo jalapoeiro.

A construção de uma narrativa fotográfica, portanto visual, revelou um percurso desde o impacto com a beleza, do encontro com o belo, até a comoção diante da destruição da paisagem e das dificuldades encontradas. O foco deixou o primeiro plano para concentrar-se no segundo ou no mergulho profundo que descobre a angústia e a tristeza do lugar. Portanto, o Jalapão é um lugar de encantamento e de comoção.

O Jalapão é uma parte do cerrado brasileiro que está em constante transformação. Nem sempre positiva, ao contrário, a destruição do lugar através dos inúmeros incêndios, das monoculturas, das explorações desmesuradas, ganham força e revelam uma existência humana, em certa medida, despreocupada com a permanência do lugar, daquela parte da Terra, enquanto solo e planeta. O homem leva a vida de uma forma pouco responsável e ética, e torna-se testemunha da sua própria ação. O imediatismo e o desejo de progresso a qualquer custo tornará a Terra um espaço pouco habitável e as relações humanas precárias e desgastadas, e o Jalapão parece ser um exemplo vivo.

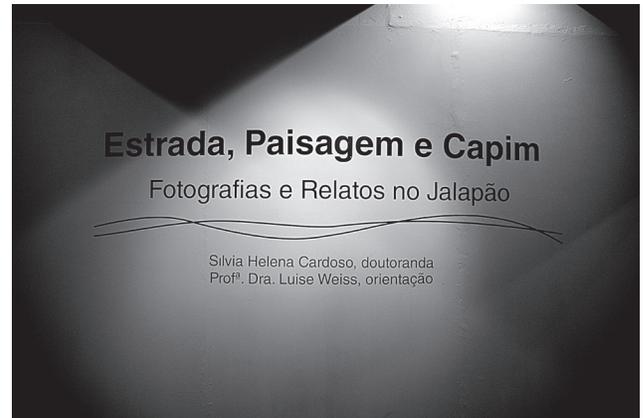
Tanto a ordem da objetividade tão desejada pelas Ciências Naturais quanto a ordem da subjetividade presente nas Artes são necessárias ao trabalho poético. É no fazer que a pesquisa artística se desenha e conta com certo caráter racional e, especialmente, com o impulso intuitivo criador. Razão e Emoção são duas faces de um fazer, a princípio opostas, mas complementares no processo de um trabalho em poética visual.



2010

*“A beleza é sempre assim: além do prazer,
nela encontramos também a tristeza e a angústia”
(HESSE, 1980, p. 178).*

2011



EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA



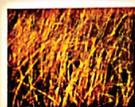
a viagem do encantamento

Infância
Memória
Histórias

Estrada, Paisagem e Capital
no Jalapão é uma exposição
de uma pesquisa em Po
viagens – como deslocam
ao cerrado jalapoeiro, no in
As imagens fotográficas
um pouco do percurso
procuram mostrar a dim
Jalapão, mas o processo
imensidão e o horizonte oc
fragmentos desvelam a nat
da dinâmica humana. Port
tornam-se pares e costuran
as sensações e a memória

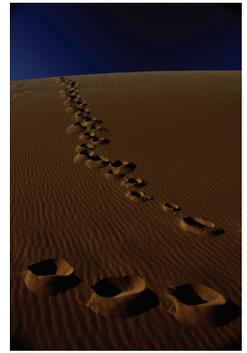
Ficha Técnica:
Impressão de arquivo digital
sobre papel fotográfico
fotosensível, marca
revelação química, antiodor
base, observação sobre PS
60x70cm

m – Fotografias e Relatos
ção audiovisual que faz parte
ética Visual constituída por
ento e experiência estética –
erior do Estado do Tocantins.
s apresentadas aqui revelam
do trabalho desenvolvido e
ensão não só espacial do
de descoberta do lugar. A
eânico, bem como pequenos
ureza e sua resistência diante
anto, Arte, Natureza e Cultura
n uma narrativa visual que traz
como matérias poéticas.



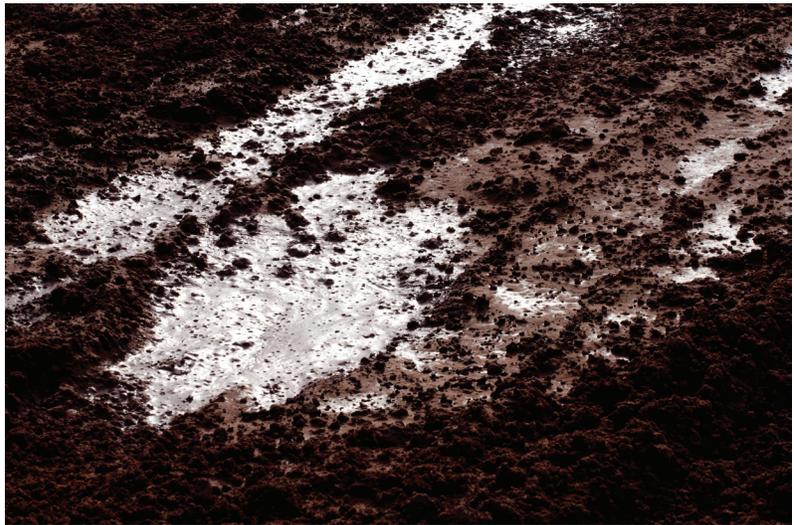
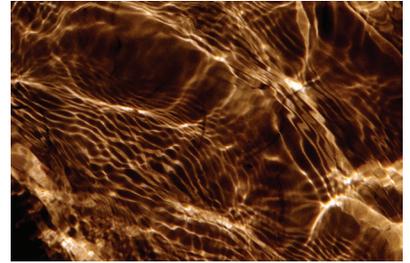
a viagem do desenvolvimento

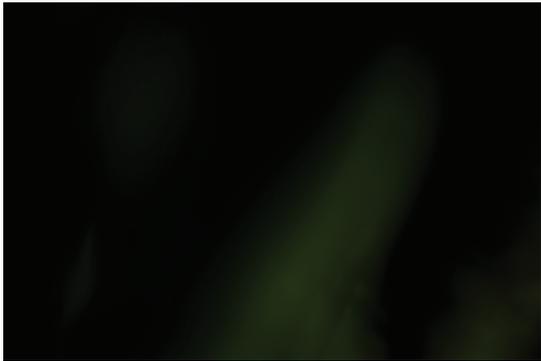
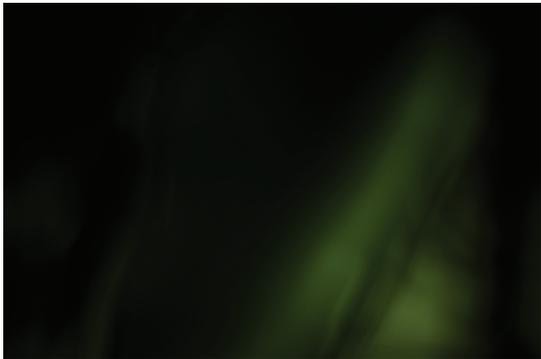
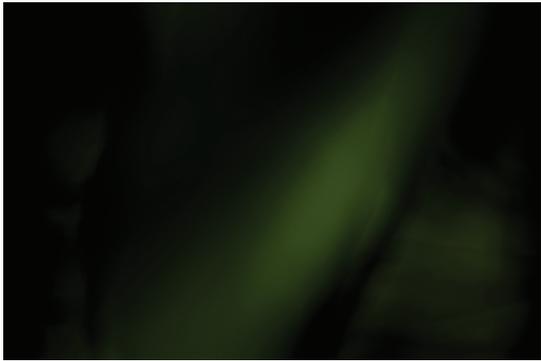
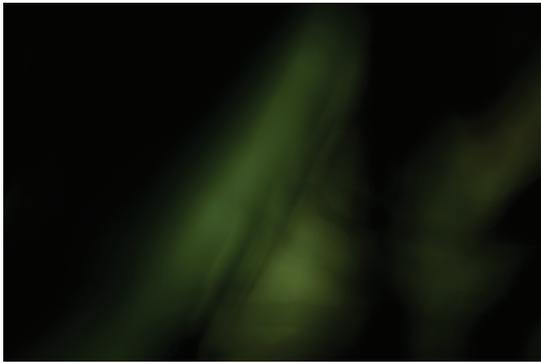
Período de 21 de junho a 01 de julho de 2011



23 FOTOGRAFIAS SELECCIONADAS







Solidão
Memória

Imensidão

Silêncio
Infância
Histórias

Estrada, Paisagem e Capim – Fotografias e Relatos no Jalapão é uma exposição que faz parte de uma pesquisa em Poética Visual constituída por viagens – como deslocamento e experiência estética – ao cerrado jalapoeiro, no interior do Estado do Tocantins.

As imagens fotográficas apresentadas aqui revelam um pouco do percurso do trabalho desenvolvido e procuram mostrar a dimensão não só espacial do Jalapão, mas o processo de descoberta do lugar. A imensidão e o horizonte oceânico, bem como pequenos fragmentos desvelam a natureza e sua resistência diante da dinâmica humana. Portanto **Arte, Natureza e Cultura** tornam-se pares e costuram uma narrativa visual que traz as sensações e a memória como matérias poéticas.



Vista externa da Galeria de Arte Unicamp



Fotografia de Silvia Helena Cardoso, 2011.



2010

BIBLIOGRAFIA

Referencial Teórico

- ANDRADE, Mário. O Artista e o Artesão. In: *O baile das quatro artes*. 3ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora S. A.; Brasília: INL, 1975.
- ARCHER, Michael. *Arte Contemporânea: uma história concisa*; tradução Alexandre Krug e Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção a).
- BACHELARD, Gastón. *A intuição do instante*; tradução Antonio de Paula Danesi. Campinas: Verus Editora Ltda, 1993.
- BASBAUM, Ricardo. *Arte Contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções estratégicas*. Ricardo Basbaum (org.) – Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Fundação Odebrecht, 2000.
- BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*; tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Coleção estudos; 230).
- BORGES, Jorge Luis. *Atlas*/Jorge Luis Borges com Maria Kodama; tradução Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BUTI, Marco Francesco. *Ir, Passar, Ficar*. Tese (doutorado) – USP/Departamento de Artes Plásticas, São Paulo/SP, 1998.
- CARDOSO, Sérgio. O Olhar do Viajante (do etnólogo). In: *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- CARDOSO, Silvia H. S. *A República das mil faces: um diário narrativo e fotográfico de uma praça no centro novo da cidade de São Paulo*. Dissertação (mestrado) – UNICAMP/Instituto de Artes, Campinas/SP, 2000.
- CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: uma introdução*; tradução Rejane Janowitz. São Paulo: Martins, 2005. (Coleção Todas as Artes).
- CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*; tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007. (Coleção Todas as Artes).
- COELHO, Teixeira. *Romantismo – a arte do entusiasmo*. São Paulo: Comunique, 2010. (Coleção MASP).
- COTTON, Charlotte. *The Photograph as Contemporary Art*. London: Thames & Hudson, 2004.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

- DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem. In: *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2005.
- DEMPSEY, Amy. *Estilos, escolas e movimentos*; tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- DERDYK, Edith (org.) *Disegno. Desenho. Desígnio*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
- DYER, Geoff. *O instante contínuo: uma história particular da fotografia*; tradução Donaldson M. Garscagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- GOETHE, Johan Wolfgang. *Werther*; tradução Galeão Coutinho. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- GOETHE, Johan Wolfgang. *Viaje a Itália*; tradução Manuel Scholz Rich. Barcelona: Zeta, 2009.
- GOOLDING, Mel. *Arte Abstrata*; tradução Otacilio Nunes e Valter Pontes. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- HESSE, Hermann. *Para Ler e Pensar. Pensamentos extraídos de seus livros e cartas*; tradução Belchior Cornello da Silva. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*; tradução Jorge Constante Pereira. Lisboa: Edições 70, 1981.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In: *Claude Lévi-Strauss*; tradução Eduardo P. Graeff. 2ª ed.. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).
- MERLEAU-PONTY, Maurice. A dúvida de Cézanne. In: *O Olho e o Espírito*; tradução Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*; tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- OSTROWER, Fayga. A Construção do Olhar. In: *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ROSENTHAL, Dália. *Do interno no tempo*. Tese (doutorado) – Unicamp/Instituto de Artes, Campinas/SP, 2010.
- ROUILLÉ, André. *A Fotografia – Entre Documento e Arte Contemporânea*; tradução Constancia Egrejas. São Paulo: SENAC SP, 2009.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1982.
- SALAVISA, Eduardo. *Diários de Viagem. Desenhos do Quotidiano*. Lisboa: Quimera, 2008.
- SCHMIDT, Isabel Belloni. *Etnobotânica e ecologia populacional de Syngonanthus nitens: sempre viva utilizada para artesanato no Jalapão, Tocantins*. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília/UnB, Brasília/DF, 2005.
- SILVEIRA, Paulo Antonio. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

SUBIRATS, Eduardo. Paisagens da Solidão. In: *Paisagens da Solidão – Ensaio sobre Filosofia e Cultura*. Tradução Denise Guimarães Bottmann. São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda., 1986.

von BEHR, Miguel. *Jalapão: Sertão das Águas*. São José dos Campos/SP: Somos Editora, 2004.

WOOD, Paul. *Arte Conceitual*. Tradução de Betina Bishop. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2002.

Referencial Visual

ABRAMOVIC, Marina. *Back To Simplicity*. São Paulo: Luciana Brito Galeria, 2010/2011. (Catálogo de Exposição).

BESPHOTO 2008. *André Gomes. Edgar Martins. Luís Palma*. Lisboa: Museu Coleção Bernardo, 2008. (Catálogo de Exposição).

CLEARWATER, Bonnie. *The Rothko Book*. London: Tate Publishing, 2008. (Catálogo de Exposição).

DIAS, Geraldo Souza. *Mira Schendel: do espiritual à corporeidade*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

FRANK, Robert. *The Americans*. New York: Scalo Publishers, 1994.

FUCHS, Bernhard. *Strassen und Wege*. Fotografien. London: Koenig Books, 2009.

GOLDSWORTHY, Andy. *Time*. London: Thames & Hudson, 2000.

JOSEPH BEUYS: a revolução somos nós: 2010-2011/direção e curadoria geral de Solange Oliveira Farkas; curador convidado Antonio d'Avossa; realização do Serviço Social do Comércio. Administração Regional no Estado de São Paulo e Associação Cultural Videobrasil. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

MATUCK, Rubens. *Cadernos de Viagem*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2003.

PIFFER, Marcos. *Litoral Norte*. São Paulo: M. Piffer, 1999.

REISEWITZ, Caio. *Parece Verdade*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

TWOMBLY, Cy. *Photographs 1951-2007*. Munich/Germany: Shirmer/Mosel, 2008.

WEISS, Luise. *Luise Weiss*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2004. (Artistas da USP; 14).

Referencial Fílmico

O CÉU que nos protege. Direção: Bernardo Bertolucci. Produção: Jeremy Thomas. Roteiro: Bernardo Bertolucci e Mark Peploe. Intérpretes: Debra Winger, John Malkovich, Campbell Scott e outros. Música: Ryuichi Sakamoto e Richard Horowitz. Itália/Inglaterra, 1990. 1 filme (138 min), son., color., 35mm.

DIÁRIOS de Motocicleta. Direção: Walter Saller. Roteiro: José Rivera. Intérpretes: Gael Garcia Bernal, Rodrigo de la Serna, Mia Maestro e outros. Música: Jorge Drexler. Argentina/Brasil/Chile e outros, 2004. 1 filme (126 min), son., color., 35mm.

EXTREMO Sul. Direção e Roteiro: Mônica Schmiedt. Intérpretes: Nelson Barretta, Ronaldo Franzen Jr., Eduardo Hugo López, e outros. Música: Leo Henkin. Brasil: M. Schmiedt Produções, 2005. 1 DVD (92 min), widescreen, color.

HISTORIAS Mínimas. Direção: Carlos Sorin. Produção: Martín Bardi. Intérpretes: Javier Lombardo, Antonio Benedicts; Javiera Bravo; Enrique Otranto; e outros. Roteiro: Pablo Solarz. Música: Nocolas Sorin. Buenos Aires: Guacamole Films e Wanda Vision, 2003. 1 DVD (94 min), widescreen, color.

NA NATUREZA Selvagem. Direção e Roteiro: Sean Penn. Intérpretes: Emile Hirsch, Márcia Gay Harden, William Hurt, e outros. Música: Michael Brook, Kaki King, Eddie Vedder. Square One C.I. H./Linson Film, EUA, 2007. 1 filme (148 min), son., color., 35 mm.

SÓ Dez por cento é mentira. Direção e Roteiro: Pedro Cezar. Produção: Artesanato Eletrônico. Intérpretes: Manoel de Barros, Bianca Ramoneda, Joel Pizzini, e outros. Música: Marcos Kuzka. Brasil: Downtown Filmes, 2009. 1 filme (76 min). son., color., 35 mm.

PARIS Texas. Direção: Wim Wenders. Produção: Anatole Dauman e Don Guest. Roteiro: L.M. Kit Carson e Sam Shepard. Intérpretes: Harry Dean Staton, Nastassja Kinski, Dean Stockwell e outros. Música: Ry Cooder. Inglaterra/França/Alemanha, 1984. 1 filme (147 min), son, color., 35mm.

RIVERS and Tides – working with time. Direção e Roteiro: Thomas Riedlsheimer. Produção: Annedone Von Donop. Intérprete: Andy Goldsworthy. Música: Fred Frith. Canadá, 2001. 1 DVD (90 min), widescreen, color.

VIAJO Porque Preciso, Volto Porque Te Amo. Direção de Marcelo Gomes e Karim Ainouz. Intérpretes: Irandhir Santos. Roteiro: Marcelo Gomes, Karim Ainouz e Eduardo Bernardes. Brasil: 2009. 1 filme (75 min), son., color.



Coruja Buraqueira, 2011

Copyright © 2011 **Silvia Helena dos Santos Cardoso**

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem autorização prévia e escrita da autora.

contato: silvia2001@uol.com.br